

SABER

UFAL

Vol. 6, nº 2, 2025

ISSN 2965-5714

BIENAL DO LIVRO COLOCA ALAGOAS NA ROTA LITERÁRIA DO BRASIL

Nesta edição especial, você vai conhecer a trajetória de sucesso desse evento criado pela Universidade Federal de Alagoas, lá em 1998, e chega à sua 11 edição



Há mais de **45**
anos oferecendo
soluções
confiáveis para
ensino, pesquisa
e extensão

Gerenciamento
de projetos

Conexão de
universidade e
financiadores

Realização de
concursos

Capacitações

Eventos



www.fundepes.br

SUMÁRIO

- O legado da Bienal que atravessa quase 30 anos de história.....4
- Entrevista com Eraldo Ferraz5
- Livros, histórias e memórias na Bienal Internacional do Livro de Alagoas12
- 1998: o ano em que uma Bienal do Livro fertilizou o árido chão alagoano14
- A mulher que há 36 anos vive imersa nos livros que registram ciência.....22



A **itinerância democrática** dos
salões do livro e da arte26

- Roberto Sarmiento e sua trajetória em busca da boa literatura nas dez edições da Bienal.....32



Quando o livro se torna protagonista
e **ganha status internacional**...36

- Nome completo: professora Sheila Maluf da Bienal.....44



**Literatura, tecnologia e
resistência** social em cena48

- As histórias visuais e a explosão de formas e cores de Mirna Porto58



Livros, falas e vidas: a **força motriz** da bienal alagoana.....64

- A engrenagem essencial que faz a Bienal do Livro acontecer.....77

O legado da Bienal do Livro que atravessa quase 30 anos de história

A Bienal Internacional do Livro de Alagoas carrega em sua história quase três décadas de vidas transformadas pelos livros e pelo conhecimento. De 1998 a 2023, foram dez edições do maior evento literário do estado, gratuito e único no Brasil realizado por uma universidade pública. Neste ano de 2025, chegamos à 11ª edição e, para registrar esse marco tão importante, vamos re-visitar o legado construído desde a ousadia inicial, ainda na gestão do reitor Rogério Pinheiro e da professora Leda Almeida à frente da Edufal, quando a Universidade Federal de Alagoas plantou a semente de um evento que se tornaria um símbolo cultural e literário no estado.

Para contar essa história bem-sucedida, o jornalista Roberto Amorim mergulhou em uma pesquisa minuciosa, reuniu documentos, arquivos de jornais impressos, espaços virtuais de informação e de-



nas de entrevistas, que comprovam a força de uma iniciativa feita de coragem, dedicação e amor ao conhecimento. Foram dez Bienais e cinco salões do livro, que reuniram cerca de 3 milhões de visitantes, reafirmando a vocação dos alagoanos e alagoanas para a leitura.

O resultado do trabalho de Roberto Amorim está nesta edição especial da revista Saber Ufal e revela não apenas o marco de um grande evento literário e cultural, mas a força de vontade de mulheres e homens que acreditaram no poder dos livros. A memória da Bienal de Alagoas é, assim, o testemunho vivo da contribuição da Ufal para a cultura de Alagoas e para o mundo.

Convido você para fazer esta viagem com a gente.

Boa leitura!

Simoneide Araújo - editora

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
Campus A. C. Simões, Av. Lourival Melo Mota,
S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió, AL -
57072900

Reitor
Josealdo Tonholo

Vice-reitora
Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti

Chefe de Gabinete
João Paulo Fonseca

Pró-reitora de Graduação
Eliane Barbosa

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação
Iraíldes Pereira Assunção

Pró-reitor de Extensão
Cezar Nonato

Pró-reitor Estudantil
Alexandre Lima Marques da Silva

Pró-reitor de Gestão de P. e do Trabalho
Wellington da Silva Pereira

Pró-reitor de Gestão Institucional
Jarman Aderico

Pró-reitor de Infraestrutura
Felipe Paes

REVISTA SABER UFAL

Uma publicação da Universidade Federal de Alagoas sob a responsabilidade da Assessoria de Comunicação da Ufal

Capa
Renner Boldrino (fotografia)
Alan Fagner (edição)

Conselho Editorial
Jarman Aderico
Márcia Alencar
Raniella Lima
Simoneide Araújo

Produção e edição
Márcia Alencar e Simoneide Araújo

Gerência administrativa
Raniella Lima

Reportagens
Roberto Amorim

Revisão
Mauricélia Ramos

Fotografias
Renner Boldrino e Mitchel Leonardo

Projeto gráfico e artes
Daniel Aubert

Diagramação
Alan Fagner

Impressão
Gráfica GMF Comunicação Visual

Tiragem
1.000 exemplares

Disponível também no portal ufal.br
ISSN Eletrônico 2965-5714
ISSN Impresso 2965-2669

“A Bienal do Livro é um compromisso da Ufal com o povo alagoano”

Diretor da Edufal, Eraldo Ferraz, fala de suas inquietações e dos desafios de voltar a conduzir a editora, após 22 anos, e de estar à frente da 11ª edição do maior evento literário e cultural do estado

Roberto Amorim

Depois de 22 anos, o professor Eraldo Ferraz volta ao comando da Editora da Universidade Federal de Alagoas (Edufal). De 1999 a 2003, ele realizou quatro edições do Salão do Livro e da Arte e uma Expolivro em diversos espaços da cidade.

Agora, o desafio é a 11ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas centrada num diálogo cultural e ritualístico entre o Brasil e os países africanos de língua portuguesa: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe. O maior e mais importante evento literário em chão alagoano acontece de 31 de outubro a 9 de novembro, no Centro Cultural e de Exposições de Maceió, cravado no histórico bairro de Jaraguá.

Mais experiente, e não menos inquieto e proativo, Ferraz, em entrevista à revista Saber Ufal, comemora a venda de todos os estandes, reflete sobre a importância e a expansão da Bienal desde a

Professor Eraldo Ferraz reforça que a Bienal Internacional do Livro de Alagoas faz parte da política institucional da Ufal

década de 1990 e reforça a ousadia da Edufal em ser a única editora universitária pública do país responsável com coragem para realizar bienais há 27 anos. “Nossa intenção não é o lucro, mas democratizar o acesso aos livros e incentivar a leitura, principalmente entre as crianças e adolescentes”.

Leia, abaixo, os principais trechos da conversa com um dos mais icônicos e atuantes professores da Ufal.

Roberto Amorim – Quais as motivações que o levaram a assumir a direção da Editora da Universidade Federal de Alagoas (Edufal) em 1999?

Eraldo Ferraz – A diretora anterior tinha deixado a função e, na época, a editora se encontrava fechada havia quatro meses. Eu trabalhava na coordenação da antiga Pró-reitora de Planejamento (Proplan), hoje Pró-reitoria de Gestão Institucional (Proginst). De repente, o reitor Rogério Pinheiro me chamou no gabinete e disse que tinha uma missão para mim: assumir a direção da Edufal. Fiquei em choque, pois nunca tinha escrito um livro, e achava que precisava ser escritor para assumir o cargo. Mas ele esclareceu que minha missão seria de gestor, administrar a Edufal para ela se tornar atuante e referência no segmento das editoras universitárias. Movido a desafios e um pouco de loucura, aceitei a missão.

RA – Qual foi o primeiro desafio ao pisar na Edufal?

EF – Ao chegar como diretor, me deparo com a responsabilidade de publicar, em três dias, uma nova edição do clássico *Canais e Lagoas*, de Octávio Brandão (1896 – 1980), lançado no início do século 20. A obra iria representar Alagoas na Coleção Nordeste, que reunia clássicos das editoras universitárias do Nordeste e seria lançada na Bienal do Livro do Rio de Janeiro. O livro já tinha sido escolhido pela direção anterior e não tinha como voltar atrás.

A capa era produzida pela Universidade Federal de Paraíba e a plastificação fosca não existia em Maceió, tinha que ser feita em Recife. O disquete [meio de armazenamento removível, utilizado antigamente para armazenar e transferir dados digitais entre computadores] com a formatação do livro chegou pelo ônibus que vinha da Paraíba e fui pegar na rodoviária, entregar ao diagramador e escolher a foto da capa.

Depois corri para Recife para impressão em papel

fosco e montar o livro. E já no aeroporto esperando os 20 exemplares para embarcarem para o Rio de Janeiro, onde o livro foi lançado com sucesso, devido à universalidade das pesquisas de Octávio Brandão sobre a relação do homem com o meio ambiente. Depois desse primeiro desafio cumprido, percebi que estava pronto para continuar na missão dada pelo reitor.

RA – Por que não realizar uma segunda edição da Bienal, mas realizar, a cada ano, uma edição do Salão do Livro de Arte de Alagoas em espaços diferentes?

EF – Para não perder o entusiasmo do público com a realização da primeira Bienal, em 1998, decidi que iria oferecer o mesmo formato do evento, só que, a partir de então, todos os anos. Daí surgiu o Salão do Livro e da Arte de Alagoas. Uma combinação de feira de livros, exposição de artes e enorme diversidade de manifestações culturais, como shows, oficinas artísticas, lançamentos, sessão de autógrafos e bate-papo com os autores.

A primeira edição foi na praça Multieventos, na praia da Pajuçara. Um sucesso de público, com intensa visitação dos alagoanos e turistas. Depois realizamos na Fundação Pierre Chalita, Associação Comercial de Maceió, Expoagro e Armazém Uzina, na histórica Rua Sá e Albuquerque, no Jaraguá.

RA – Qual o legado deixado por essa maratona de salões?

EF – Na época, em Alagoas, existia uma ou duas livrarias, como a Caetés. Era preciso encomendar a maioria dos livros ou viajar para comprar nas livrarias de Recife, Salvador ou São Paulo. Então, era muito tempo esperar dois anos para ter acesso às principais livrarias e editoras do país.

A realização do Salão, a cada ano, alterou positivamente essa relação do leitor com as editoras, com os lançamentos mais atuais. Além da proximidade do grande público com os artistas e cantores da terra. Tudo isso disponível gratuitamente. E o interessante é que não tínhamos dinheiro para pagar cachê, apenas oferecíamos logística, transporte e alimentação. Todos se envolviam pela importância do evento para Alagoas. Só um ano que tivemos, por meio da Lei Rouanet, um valor de R\$ 50 mil intermediado pela Secretaria Estadual de Educação.

RA – A Bienal Internacional do Livro de Alagoas é a única do Brasil organizada por uma editora universitária pública. O que isso representa, na prática?

EF – Todas as outras Bienais do Livro no país são negócios de empresas privadas que visam, antes de tudo, ao lucro. Se as vendas não garantissem o lucro, não existiriam Bienais do Rio, São Paulo... O [valor do] metro quadrado do chão cru é altíssimo, e a organização não se responsabiliza pela montagem do balcão, das prateleiras. E o público ainda paga ingresso para entrar.

Na Bienal de Alagoas, que é pública, o acesso é gratuito, e os preços dos stands são justos. Nossa intenção não é o lucro, mas democratizar o acesso aos livros e incentivar a leitura, principalmente entre as crianças e os adolescentes. Sem o investimento do governo do estado de Alagoas e outros parceiros, a nossa Bienal não existiria, pois sua essência é educativa, e não comercial. E tem mais, as dezenas de atrações acadêmicas e culturais durante a Bienal do Livro também são gratuitas. É uma Bienal pública com foco na contribuição para a formação do cidadão crítico através da leitura. A Bienal do Livro é um com-



Nossa intenção não é o lucro, mas democratizar o acesso aos livros e incentivar a leitura... Sem o investimento do governo do estado de Alagoas e outros parceiros, a nossa Bienal não existiria, pois sua essência é educativa, e não comercial.



promisso da Ufal com o povo alagoano.

RA – E o apoio da Reitoria?

EF – O que admiro é que muda a gestão e nenhum reitor ou reitora cogitou abandonar a Edufal e a Bienal Internacional do Livro de Alagoas. Já faz parte da política institucional da Ufal. De 1999, quando assumi a Edufal pela primeira vez, até 2025 o avanço foi admirável graças ao empenho e ao ótimo trabalho dos diretores e magníficos reitores e reitoras que fizeram parte dessa trajetória de sucesso.

Nos relatos das reuniões da Associação Brasileira

das Editoras Universitárias (Abeu), percebo que outras editoras sofrem com o abandono da gestão em relação a suas editoras. Muitas quase nem conseguem publicar livros. Por isso, é tão importante escolher bons gestores nas eleições para reitor, principalmente os que apoiam os livros. Apesar do desafio financeiro, aqui em Alagoas nenhuma gestão cogitou fechar a Edufal e deixar de realizar a Bienal. Nesse sentido, é preciso ressaltar, mais uma vez, o papel decisivo dos investimentos do governo do estado de Alagoas e outros órgãos e parceiros que querem atrelar suas marcas à Bienal.

RA – A Edufal tem uma equipe pequena, como consegue dar conta de uma Bienal?

EF – A cabeça pensante de cinco Salões do livro e 11 Bienais é a Edufal. É o lugar onde tudo é gestado, mesmo com uma equipe mínima. Nem eu compreendo como isso é possível. Só pode ser pelo amor aos livros, à leitura. Hoje temos três funcionários efetivos, alguns estagiários e dois terceirizados. Durante a Bienal, contamos com a competência indispensável da Coordenação de Assuntos Culturais (CAC). É um setor da Proexc [Pró-reitoria de Extensão e Cultura] que articula diferentes projetos e programas artístico-culturais no âmbito da Ufal. Os produtores culturais são responsáveis pela imensa (manhã, tarde e noite) e diversificada programação artístico-cultural da Bienal. Não é tarefa fácil, são dez dias de intensas atividades. A CAC está trabalhando com muito empenho, responsabilidade e compromisso.

RA – Outra característica que vem se fortalecendo nas Bienais do Livro de Alagoas é a programação acadêmica, como as atividades realizadas pelo Centro de Educação (Cedu) da Ufal.

EF – O Cedu sempre teve uma programação muito consistente, inclusive trazendo personalidades da área da educação de projeção nacional e internacional. A ideia surgiu do professor Luís Paulo Mercado, que me lançou o desafio, já que estava envolvido em diversos outros projetos e não teria tempo. Viabilizei a parceria com a Editora Cortez, que assume as despesas de renomados pesquisadores que lançam livros durante a Bienal e ainda fazem palestras abertas para estudantes, professores e pedagogos. Este ano, como estou na direção da Edufal, a missão ficou com as professoras Sandra Regina e Silvana Paulina.



Os cursos de História e Serviço Social seguem o mesmo caminho e realizam seminários dentro da programação da Bienal. Também são realizados encontros, congressos, simpósios e rodas de conversas realizadas por vários setores da própria Ufal e também de outras instituições da sociedade civil. Abrimos até edital para a participação do público externo.

RA – Qual é a percepção das outras editoras públicas diante da coragem da Edufal de, há 27 anos, realizar bienais do Livro gratuitas?

EF – Os outros gestores não entendem, não acreditam como conseguimos manter esse compromisso de organizar uma Bienal que cresce a cada edição em visitantes, editoras, livrarias e ex-

tensa programação cultural e científica. Ficam impactados. Inclusive oferecemos, gratuitamente, um estande para as editoras universitárias do Nordeste, com balcão e prateleiras prontas. Nas bienais de outros estados, a Abeu precisa pagar para participar, que pode chegar até dois mil reais com estrutura mínima. Se quiser mais espaço e estrutura, o valor vai para oito mil.

RA – A pandemia da covid-19 afetou o público da Bienal?

EF – A Bienal de 2023 foi logo após a pandemia. Estávamos com muitas dúvidas por conta do aumento das compras on-line, dos e-books e o receio da aglomeração em lugares fechados. Mas, o público estava com saudade dos livros, das palestras, das atividades culturais e artísticas. Foi um grande sucesso. Tanto é que não tivemos dificuldades para comercializar os estandes da 11ª edição deste ano. Estamos em julho e não temos mais nenhum estande disponível e ainda tem gente procurando para participar.

Esse movimento não é só em Alagoas, as bienais do Rio e São Paulo bateram recordes de público e vendas. Na Bahia, por exemplo, vários dias tiveram que fechar os portões porque não cabia mais ninguém. E é importante ressaltar que nessas capitais é preciso comprar ingresso. Isso prova que as pessoas ainda estão acreditando no livro físico. A Bienal deixou de ser só um lugar de comprar livros e passou a ser um espaço de convivência, de ir com toda família, de aproveitar a diversidade da programação.

RA – Foram cinco Salões do Livro e duas Bienais à frente da Edufal, como lida com as críticas?

EF – Estou acostumado a enfrentar desafios profissionais. Sou a pessoa mais tranquila para receber as críticas, porque aprendo com as construtivas e as que não contribuem em nada, desconsidero. Faço de conta que não ouvi. Mas quando é construtiva e ainda for possível ajustar, corremos para corrigir e entregar o melhor.

RA – Então, nada tira o seu sono na Bienal deste ano?

EF – Em relação à organização, durmo tranquilamente, pois confio na competência de toda a equi-

pe envolvida. A minha preocupação é com a fluidez da imensidão da programação que estamos oferecendo. Do tamanho do espaço para acolher bem todos os convidados e visitantes, principalmente os milhares de estudantes já confirmados. Tem também a questão da limpeza, da segurança e do acolhimento dos livreiros e editoras. É minha única apreensão.

É por isso que sempre tenho elogiado os meus antecessores e antecessoras, porque sei a responsabilidade e o compromisso do que é organizar uma Bienal. Não é possível fazer comparações, cada Bienal tem suas especificidades e cada gestor fez o melhor

naquele momento específico. A Bienal é sempre um momento fantástico.

RA – Por que a África como tema da 11ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas?

EF – Escolhemos nos aproximar mais dos países africanos de língua portuguesa. Em conversa com o professor Bijagó [Wagner], da Guiné-Bissau, docente do Campus Arapiraca, chegamos ao tema *Brasil e África: ligados culturalmente em suas raízes e ritos*. Este tema visa celebrar a profunda conexão cultural entre o Brasil e o continente africano, com foco nas raízes históricas e nas diversas expressões culturais que unem os dois lados.

Nesse sentido, Mãe Neide Oyá d'Oxum será a patronesse, Mãe Mirian, a madrinha, e Pai Célio, o padrinho. Eles foram escolhidos por suas contribuições para a cultura afro-alagoana e por serem referências na valorização das religiões de matriz africana e das tradições culturais do estado. Para além dos homenageados, toda a programação da Bienal de 2025 está norteada pelas vivências e trocas culturais entre Brasil e África, com a presença de vários pesquisadores africanos que estão realizando pós-doutorado aqui no Brasil.

RA – Qual o maior trunfo da Bienal do Livro de 2025?

EF – A participação massiva dos alagoanos. A gente espera que as pessoas acreditem nesse trabalho e realmente aproveitem tudo que foi preparado com muito zelo, com muito cuidado. E tudo gratuitamente. Eu espero engajamento, envolvimento de toda sociedade: crianças, adolescentes, adultos e idosos. É uma Bienal de inclusão e imersão. Mas todo esse trabalho é pensado e feito para a população.

Nesse sentido, contamos com muitos parceiros, como a iniciativa do vale-livro para alunos e professores do ensino fundamental e médio. Espero que abracem o nosso evento, curtam, aproveitem as oportunidades. A Bienal não é para constar no currículo da Edufal, é para o povo. Nós fazemos apenas a gestão, mas os protagonistas são os livros e os leitores.



Renner Boldrino

Livros, histórias e memórias na Bienal Internacional do Livro de Alagoas

Gian Melo*

Imagine que vamos celebrar, que teremos um encontro rodeado de livros, ideias, manifestações culturais, diversas opiniões e a sociedade alagoana. Pois este lugar é a Bienal Internacional do Livro de Alagoas.

Desde 2011, venho acumulando momentos e memórias envoltos aos livros e a Alagoas. Naquele ano tive oportunidade de conhecer um pouco deste evento tão aguardado em nosso estado. Até hoje, vamos vendo uma Bienal que se transforma e é transformadora. Um evento plural, com suas especificidades e que cresce a cada edição, sendo organizada e pensada por uma instituição pública, voltada para educação, com acesso gratuito e democrático. Assim é o maior evento cultural e social das Alagoas.

Nas memórias, a partir de 2011, temos uma Bienal em sua quinta edição que nos chama para uma viagem através dos livros. Naquele ano tínhamos como país ho-

menageado a Itália, marcando as comemorações do Momento Itália-Brasil que ocorriam entre 2011 e 2012. Lembro-me de percorrer pela primeira vez aqueles corredores no Centro de Convenções Ruth Cardoso e refletir acerca do impacto social de um evento grandioso, tendo em sua organização uma série de professores, técnicos e alunos da maior instituição de ensino superior de Alagoas, a Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Saindo de Recife e recém-chegado em Maceió, vindo de Garanhuns, como fizeram muitos no passado colonial e imperial, literalmente fiquei encantado.

O encantamento perdurou nas edições de 2013, 2015, 2017, 2019 e 2023. Participei mais ativamente em todas, trazendo contribuições e entendendo a construção de um evento que cresce a cada edição. Pude realizar atividades acadêmicas, trazendo para Bienal historiadores que debatem o Brasil, nos ajudando a compreender nossa sociedade e sua diversidade. Em 2013, realizamos o 5º Encontro Nacional de História da Ufal, o maior encontro dos cursos de História em Alagoas até hoje. Na ocasião, o historiador Durval Muniz apresentou o Brasil a partir da obra de Câmara Cascudo, um momento inesquecível.

Um momento especial, daqueles que marcam a memória, ocorreu em 2017, ano da 8ª Bienal Internacional do Livro. Integrando um projeto no Arquivo Público de Alagoas, mais comumente chamado de APA, o espaço de salvaguarda de documentos históricos de suma importância para Alagoas. Sendo um equipamento do estado e ligado ao conjunto de secretarias presentes dentro da Bienal, o Arquivo Público, junto a toda equipe de funcionários e integrantes do Projeto PDPP, montou uma praça. Um espaço que contava histórias e encantava, ao mesmo tempo que provocava reflexões para todos que entrassem naquele estande, cheio de quadros

pendurados, com monóculos e um telão. Itens que somados contavam um pouco da História de Alagoas.

Uma Alagoas representada com pinturas históricas dos séculos 17, 18 e 19, remetendo aos primeiros registros imagéticos das partes ao sul da antiga Capitania de Pernambuco. As regiões de Porto Calvo, Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul e Penedo, às margens do São Francisco, representados na pena de Frans Post e de João Teixeira Albernaz, mostrando a riqueza de vegetação, paisagens e pessoas que habitavam a localidade. Junto a eles, estava a primeira representação do Quilombo dos Palmares, um mapa de Pernambuco feito por Gaspar Barléu que tem a representação de sua torre de vigilância, replicada hoje no espaço sagrado na cidade de União dos Palmares. Uma imagem, complementada pela representação da pesca na lagoa, mostrando a relação dos habitantes da região com as águas desde o passado.

Naquele ano, em meio às comemorações pelos 200 anos de Emancipação Política de Alagoas, escolhemos exibir na praça do APA um telão, que em ritmo de máquina de datilografia [algo que os jovens de hoje não conhecem mais] reproduzia o decreto de 16 de setembro de 1817. No documento, o então Rei do Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarves, Dom João VI, criava a Capitania de Alagoas. Em meio àquela celebração, a Bienal se mostrava como um evento que superava as fronteiras da Ufal, graças às parcerias com o estado de Alagoas e os apoiadores. Assim, na terra da liberdade de outrora, comemorando sua emancipação, a Bienal de Alagoas homenageava o saudoso Dirceu Lindoso. Além disso, demarcava o papel da leitura na formação de leitoras e leitores de Alagoas, dando o protagonismo do evento àqueles que conseguem viajar através das páginas dos livros.

Na edição de 2019, a Bienal ganhou novos ares, passou a integrar a paisagem do histórico bairro do Jaraguá, ocupando casarões e armazéns que outrora serviam para o movimentado porto de Maceió. Na mesma rua em que no passado circulavam os moradores, marinheiros, carregadores, escravizados, a atual Sá e Albuquerque, foi transformada em palco para livros, leitores e artistas. Para mostrar um pouco do passado, junto a alunos de graduação em história, elaboramos um jornal, que contava um pouco da Maceió de outrora, mostrando um Jaraguá que ficou

nos documentos históricos. Uma 9ª Bienal com gosto de festival literário, cheia de encontros e aprendizados, mostrando que a rua também é do povo, numa época em que vivíamos tempos nebulosos.

Já a 10ª Bienal, em 2023, teve uma missão: nos reabrir ao convívio da leitura, dos livros, das atividades dentro dos auditórios e salas do Centro de Convenções. Foi a Bienal pós-pandemia, na qual queríamos muitos encontros, para afastar da memória os tempos de distanciamento. Uma Bienal que parou o trânsito e que causou filas enormes de carros e de gente rumo a um único destino: O maior evento cultural, social e literário de Alagoas. Em 2023, a presença marcante de Ailton Krenak transformou o Teatro Gustavo Leite em um espaço de catarse coletiva. Ao lado de Itamar Vieira, pude ser mediador e fã, com a missão de representar uma plateia ávida por perguntas e pronta para ouvir o escritor mais vendido do país.

Como podem observar, ao longo dos anos, são algumas edições em que venho aprendendo, convivendo, participando, organizando e sempre esperando uma Bienal surpreendente. Em 2025 não será diferente. Acolhi o convite para participar ativamente da construção do evento, acompanhando todos os sonhos e os desejos para construir algo inesquecível. Ao abraçar o encontro com os laços e heranças que o Brasil tem com os países de língua portuguesa em África, o tema que guia a programação, a 11ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas nos mostra o quanto somos ligados com os nossos ancestrais que forçadamente cruzaram o Atlântico, o quanto temos em nosso cotidiano "raízes e ritos" herdados que marcam o Brasil que somos.

As vivências através da Bienal mostram que ela tem múltiplos significados: para uns é trabalho, para outros, diversão, para muitos, um momento de encontros e realizações. Cada um tem a sua Bienal favorita e suas memórias. Desejo que rodeados de livros, palavras e gente, todos possam construir novas memórias em mais uma edição.

* Historiador, professor de História do Brasil na Ufal, pesquisador do CNPq e sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.



PRIMEIRA BIENAL

1998: o ano em que uma Bienal do Livro **fertilizou o árido chão**

Edufal ousa realizar um evento literário e artístico, único no país realizado por uma universidade pública

Às 18h do dia 14 de setembro de 1998, a Editora da Universidade Federal de Alagoas (Edufal) deixaria para trás sua timidez para se transformar na primeira e única instituição pública do Brasil a realizar uma Bienal do Livro gratuita.

E tem mais. Em 2025, 27 anos depois, não só mantém o título, como também multiplicou as ações a cada edição, saindo de 50 mil visitantes na década de 1990 para quase meio milhão em 2023. Na prática, isso significa que o foco do maior evento literário de Alagoas não é vender livros, mas fortalecer o acesso à leitura, aos autores e, principalmente, atrair milhares de crianças, adolescentes e adultos para um espaço onde o protagonismo é da palavra escrita.

As pioneiras bienais de São Paulo (1970) e do Rio de Janeiro (1980) nasceram com vocação comercial e se consolidaram como grandes feiras de livros. Modelo que foi seguido pelo resto do país, tendo como única exceção as terras alagoanas. "Costumava frequentar as principais Bienais do Livro do país. Em uma dessas viagens, lamentei profundamente o fato de não haver eventos literários semelhantes em Alagoas. Refleti especialmente sobre as pessoas que não têm recursos para acessar bens culturais", contou Leda Almeida, professora aposentada da Ufal e ex-diretora da Edufal.

A reflexão dela se transformou em motivação para idealizar e executar a 1ª Bienal do Livro e da Arte em Alagoas, que durante seis dias ocupou o grande salão principal do late Clube Pajussara, em Maceió. "Já que a maioria dos alagoanos não poderia visitar as bienais em outros estados, por que não criar uma aqui e garantir esse acesso a todos?", indagou Leda Almeida.

O marco zero de 27 anos das Bienais no estado continua inédito, histórico e inspirador. Por exemplo, foi a única Bienal realizada sem financiamento público ou patrocínio privado direto, contando apenas com apoio institucional e logístico de parceiros. Entre eles o late Clube Pajussara, a galeria Karandash e a empresa responsável pela montagem dos 14 estandes.

Os famosos escritores Dias Gomes e Frei Betto participaram sem cobrar cachê e a estada deles em Maceió foi custeada pela Ufal. A equipe de produção era Leda Almeida, os poucos servidores da Edufal e quatro estagiários. "Começamos a trabalhar envolvidos por uma energia incrível, vibrando com a ideia de uma Bienal em Alagoas e contagiados pela certeza de estarmos iniciando algo especial", lembrou a ex-diretora da Edufal. "A primeira Bienal era um sonho pessoal que logo se tornou coletivo".

Siron Franco e artistas alagoanos

Mas, as condições não eram favoráveis. Existiam dois grandes temores: pouco público numa cidade com escassez de livrarias e o desinteresse das editoras num evento sem garantia de retorno comercial. Para ser mais atrativa, a primeira Bienal expandiu seus braços para exposição de artes plásticas e incluiu na programação desde espetáculo de ballet clássico até roda de capoeira, passando por teatro de rua, pastoril, shows musicais, oficinas artísticas e muitas horas de contação de histórias - oportunidades valiosas para o desenvolvimento infantil, promovendo imaginação, criatividade e habilidades linguísticas.

O público alagoano pôde ver de perto as obras da série *Abstrações* do internacionalmente famoso artista brasileiro Siron Franco e de pintores da terra, como Persivaldo Figueirôa, Gicélia Sampaio, Rosivaldo Lemos, Carmen Omena, Suel, além das esculturas de Marta Arruda e os trabalhos híbridos de Dalton Costa e Maria Amélia Vieira.

"A mistura de estilos, temas, tamanhos, formatos, técnicas possibilitou que as pessoas conhecessem e se relacionassem com tudo que era oferecido e pudessem refletir assuntos pertinentes ao mundo, à vida e aos movimentos artísticos", disse Maria Amélia, responsável pela curadoria dos dois grandes e instigantes estantes dedicados ao fazer artístico.

Ela afirma que, enquanto artista e galerista, o que a estimula são as novidades, os convites que provocam um movimento em busca do novo, construir ou iniciar um processo, um caminho em nome da arte. "O convite de Leda nos pareceu desafiador".

Maria Amélia conta que a ideia da inclusão da arte numa Bienal do Livro foi de começar um processo de conhecimento e reconhecimento dos artistas alagoanos e de suas obras. Há 27 anos em Alagoas, a arte era muito tradicional e tinha como público pessoas da sociedade com poder aquisitivo maior, e as obras ficavam expostas nas poucas galerias de arte e lojas de decoração que dominavam o mercado da época.

Esse ciclo foi quebrado pela 1ª Bienal do Livro e da Arte em Alagoas, que inicia um processo de democratização dos bens culturais, expondo a arte em ambiente externo e à disposição dos olhos de todos, compartilhando o mesmo espaço com a Literatura.

"O intuito foi de provocar o público colocando lado a lado as obras com seus processos, técnicas e resultados. Oferecemos o que tínhamos para que o grande público finalmente tivesse acesso e pudesse

fazer parte do mundo da arte alagoana", reforçou Maria Amélia, que divide a criação e a direção da Galeria Karandash com o também artista contemporâneo Dalton Costa.

Editoras, livrarias e autores

A quantidade de editoras, livros, lançamentos e autores reunidos num mesmo espaço foi impactante e espantosa numa época em que não existiam vendas on-line, e Maceió contava com raras e bravas livrarias, como as saudosas Caeté e Resma. Quase três décadas depois, Alagoas continua figurando entre os cinco estados com pior índice de leitura no país.

A 1ª Bienal do Livro e da Arte em Alagoas, em 1998, afrontou esse problema e trouxe à cidade diversas editoras nacionais, como Bagaço, Ática, Record, Vozes Index, HD Livros e livrarias do porte da

A primeira Bienal do Livro de Alagoas aconteceu no late Clube Pajussara e trouxe grandes escritores, como Dias Gomes e Frei Betto





Dias Gomes, escritor, dramaturgo e autor de novelas, na sessão de autógrafos da primeira Bienal do Livro de Alagoas

Bertrand Brasil – maior rede de livrarias de Portugal.

Foram contabilizadas aproximadamente 50 sessões de lançamentos e autógrafos, boa parte com o selo da Edufal, de escritores alagoanos como Ruth Quintella, Luiz Sávio de Almeida, Lúcia Guiomar, Maurício de Macedo, Heliônia Ceres e Simone Cavalcante.

Patrono da Bienal, Frei Betto lançou *Entre todos os homens*, autografou e conversou com o público. O dramaturgo, romancista e imortal da Academia Brasileira de Letras, Dias Gomes (1922 – 1999), também esteve por aqui para lançar *A Invasão* (editora Bertrand Brasil) e receber o Prêmio Graciliano Ramos – Troféu Amigo do Livro.

Polêmico, o novo livro do autor de novelas como *Roque Santeiro*, *Irmãos Coragem* e *O Bem-Amado* fo-

calizava o drama intenso e amargo dos sem-teto, moradores de uma favela carioca que perderam suas casas depois de uma enchente.

Emocionada ao lembrar da pioneira Bienal, Diva Lessa, uma das mais antigas servidoras da Edufal, afirma que “foram dias de magia com muita literatura, música, teatro e salão lotado todos os dias”.

Ela se orgulha de ter participado de todas as Bienais em 27 anos de história literária de desafios, mas incontáveis vitórias. “Só estamos agora, em 2025, organizando a 11ª Bienal porque tudo começou com a primeira, lá atrás. Foi um marco na história cultural de Alagoas. Um evento inédito e maravilhoso, que ofereceu uma rica e diversificada programação cultural e gratuita para a população”.

Palavras que marcaram vidas

Aos 11 anos, Marseille, filha de Diva, também assumiu protagonismo durante os dias da Bienal. A convite do professor do curso de Letras da Ufal, Roberto Sarmiento, ela se transformou na personagem infantil Chapeuzinho Vermelho e desfilou pelos corredores de estandes do salão do late Clube Pajussara.

“Vestiram-me com uma roupa linda, feita especialmente para o personagem, e eu me sentia completamente imersa naquele papel. Essa experiência reforçou ainda mais meu amor pelas histórias e me fez perceber que queria continuar nesse mundo”, contou Marseille, que, assim como a mãe, nunca perdeu uma Bienal; aprofundou o gosto pela leitura e admiração pela Universidade Federal de Alagoas, onde fez graduação, mestrado e doutorado.

E as lembranças continuam: “Estar na Bienal era como entrar em um livro de histórias infantis, no qual

cada corredor parecia esconder um novo mundo a ser descoberto. Eu fazia questão de passar o dia inteiro por lá, enquanto minha mãe trabalhava”.

Ela conta que até hoje compartilha esse mesmo encantamento com as filhas, que cresceram nesse universo de livros e histórias: “Vamos juntas à Bienal e vivemos essa experiência de forma intensa e divertida, assim como eu fazia quando criança”.

Quase três décadas depois, a trajetória dessas três gerações de mulheres leitoras [Diva, a filha e as netas] reafirma o princípio e a força motriz para criação da 1ª Bienal do Livro e da Arte em Alagoas: a promoção da literatura e a formação de leitores.

“Tenho observado que, infelizmente, muitas bienais brasileiras estão perdendo essa essência, tornando-se feiras genéricas que comercializam produtos diversos e afastam-se do objetivo original”, lamentou a professora Leda Almeida. “A Bienal do Livro de Alagoas é um exemplo concreto de que é possível manter-se fiel ao propósito original e ainda assim obter sucesso”.

Diretora da Edufal, à época, Leda Almeida, o reitor Rogério Pinheiro e o escritor convidado Frei Betto





Reitor Rogério Pinheiro
prestigiou o convidado da primeira
Bienal do Livro de Alagoas, Frei
Betto, durante sessão de autógrafos



A mulher que há **36 anos vive imersa nos livros** que registram ciência

Diva Lessa chegou no fim da década de 1980 à Editora da Ufal, participou de todas as bienais e se transformou num elo entre escritos científicos e milhares de estudantes e pesquisadores

Roberto Amorim

Não é tarefa fácil nem ligeira contabilizar a quantidade de trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado de várias áreas do saber científico com dedicatórias à Diva Lessa – a mais antiga servidora da Editora da Universidade Federal de Alagoas (Edufal).

Na primeira e tímida sala no Espaço Cultural Universitário, na Praça Visconde de Sinimbu, que abrigava a sede da recém-criada Edufal, ela estava lá. Quando a editora foi transferida para o Campus A.C. Simões, também estava lá. Em 1998, ao lado da diretora Leda Almeida, Diva foi uma das forças motrizes para a realização da 1ª Bienal do Livro e da Arte de Alagoas.

Em 2025, quando a Ufal reafirma o compromisso com o protagonismo da leitura como ferramenta de formação crítica do povo alagoano e realiza a sua 11ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, de 31 de outubro a 9 de novembro, Diva está a postos para ficar dez dias longe de casa, com dedicação exclusiva ao maior evento literário do estado.

Só de Bienais e Salões do Livro são 27 anos de muito trabalho, zelo e prazer de fazer parte do lugar que materializa e torna pública grande parte dos resultados das investigações científicas da Ufal. Diva chegou à Universidade em 1986. Em 1989 pisou na Edufal pela primeira vez e não saiu mais de perto dos livros.

“Gostaria muito de me aposentar aqui, entre os livros, professores e estudantes”, confessou a servidora de 64 anos, que já trabalhou no Departamento

de Administração de Pessoal (DAP), na Pró-reitoria de Administração [antiga Proad] e no gabinete da Vice-Reitoria. “Nunca gostei de ficar parada. Nos departamentos por onde passei sempre aprendi e exerci várias tarefas administrativas, mas a Edufal se transformou na minha segunda casa”, assegurou.

As histórias da Edufal e das Bienais não se confundem com a trajetória de Diva; são partes constitutivas do esforço e da resistência da Universidade em não abandonar o compromisso de incentivar o hábito da leitura; de registrar as teorias, prosas e poesias dos autores alagoanos; de ser um repositório vivo e em constante renovação para os milhares de estudantes e pesquisadores que há 42 anos contam com a constante presença da editora universitária.

De sorriso farto e acolhedor, a decana da Edufal lembra dos tempos em que a editora se resumia a uma pequena sala no Espaço Cultural, com uma mesa e poucos livros, sob a direção do professor Eduardo Magalhães. Nessa época, iniciou a carreira no mercado editorial, fazendo desde o trabalho de contabilidade até o atendimento dos poucos clientes que apareciam, passando pelo intercâmbio com outras editoras universitárias do país e braço direito dos diretores.

Ela chegou a ser diretora da Edufal durante três meses, num hiato de mudança de gestão. Em carta destinada à Reitoria, a diretora que deixava o cargo garantiu que Diva Lessa era a servidora administrativa da Ufal mais gabaritada a exercer a função até a escolha da nova gestão.

“O meu primeiro grande desafio na carreira de servidora pública foi participar do projeto da 1ª Bienal

do Livro e da Arte do Estado de Alagoas. Naquele momento, oferecíamos o que fazíamos de melhor para toda sociedade alagoana. Para mim, esse foi um grande marco no que diz respeito a publicações de livros e reconhecimento da Editora pela comunidade", afirmou a mulher que foi mãe solo, viu as duas filhas terminarem os estudos na Universidade onde trabalha e sonha que elas retornem à Ufal como servidoras públicas.

Mas, muitos desafios ainda estavam por vir. Nos cinco anos seguintes à primeira Bienal, Diva participou diretamente de quatro edições consecutivas do Salão do Livro e da Arte de Alagoas e uma Expolivro, entre

1999 e 2003, durante a primeira gestão do professor Eraldo Ferraz, que retornou ao cargo em 2024 e assina a gestão da 11ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas.

"Inquieto e proativo, ele resolveu que todos os anos a Edufal teria que cumprir o compromisso de oferecer feira de livro, exposição de artes e programação cultural em espaços diferentes da cidade. E, graças à competência dele e de toda equipe, conseguimos! Ele também deu uma renovada na Edufal, promovendo vários eventos e dando mais visibilidade ao nosso trabalho dentro do campus", lembrou Diva Lessa.

Professor Ivamilson Barbalho, diretor da Edufal em 2023, e Diva Lessa, no estande da editora durante a 10ª Bienal



A ponte das teorias

A Edufal aumentou sua produção, espalhou-se para o Campus do Sertão, ganhou um elegante prédio envidraçado, com espaço interno aconchegante, além de uma nova livraria e papelaria no Espaço de Convivência. Não à toa, ocupa lugar de destaque na Associação Brasileira de Editoras Universitárias (Abeu) pelo protagonismo de ser a única editora pública a realizar Bienais do Livro. No resto do país, essa missão é das empresas privadas.

Existe a assinatura de Diva Lessa em cada avanço interno e externo. Orgulha-se de fazer parte desta trajetória e reafirma o rumo certo da Edufal. Porém, confessa que a maior alegria de tantas décadas de trabalho é ainda ser ponte entre os livros, os estudantes e os pesquisadores.

Modesta, mas com invejável conhecimento de toda produção acadêmica da Ufal transformada em livros pela Edufal nos últimos 30 anos, ela não precisa de muito esforço para indicar quais áreas do saber mais publicam, quem são os autores mais inquietos e produtivos, os cursos dos estudantes que mais buscam os livros e frequentam as prateleiras.

E ainda aconselha e orienta pesquisadores de outros estados que buscam os programas de mestrado, doutorado e pós-doutorado ofertados pela Ufal: "É essencial que conheçam as publicações dos professores da linha de pesquisa que escolheram. Ler seus escritos, ter a certeza do caminhar teórico e se preparar bem para a seleção, que não é um processo fácil. Adoro ser essa ponte e acompanhar o progresso depois da aprovação e, principalmente, ver a pesquisa transformada num novo livro que, no futuro, irá ajudar outros interessados".

Sabedores do conhecimento especializado dela, professores e professoras não cansam de repetir o mantra "Procurem a Diva da Edufal", quando a tarefa é encontrar as obras indispensáveis para a aprendizagem significativa e aprofundada. Essa é outra tarefa que torna suas horas de trabalho ainda mais prazerosas, ano após ano.

Ela afirma que adora exercer, entre um trabalho administrativo e outro, a tarefa de atendente e defende a postura dos professores que adotam livros da própria Edufal no programa das suas disciplinas. "Nossos estudantes precisam conhecer e se orgulhar da qualidade científica da produção dos docentes da Universidade onde estudam. Isso impulsiona os estudos deles e ainda os incentiva a se tornarem novos pesquisadores, e, quem sabe, publicar seus estudos também.

Nesse universo dominado pelas letras e teorias, ela confessa que seu xodó são os livros da *Coleção Nordestina* - uma iniciativa das editoras universitárias do Nordeste brasileiro, que busca publicar e republicar obras representativas da produção intelectual da região, especialmente nas áreas de Literatura, Ciências Sociais, Antropologia e Folclore.

Criada em 1999, o objetivo da coleção é criar um repositório bibliográfico da cultura, da arte e da ciência nordestinas, preservando e divulgando esse patrimônio em âmbito nacional. De Alagoas, constam obras como *Canais e Lagoas*, de Octávio Brandão; *História dos costumes, usos e (ab)usos nas Alagoas: Acheegas (I): sobre negros*, de Luiz Sávio de Almeida; e *Ocupação espacial do Estado de Alagoas*, de Ivan Fernandes Lima.

Diva ressalta que essa coleção mostra a força, a qualidade científica e a resistência das editoras universitárias nordestinas para enfrentar desafios e continuar abertas e produzindo. "É o grande legado que iremos deixar para os futuros estudantes e pesquisadores. Esses anos todos na Edufal me ensinaram que não podemos desistir nunca. Saimos de uma pequena sala e veja onde estamos, a quantidade das nossas publicações e agora estamos entregando ao povo a 11ª Bienal Internacional do Livro. E vamos continuar avançando, não tenho dúvidas".



CINCO EDIÇÕES

A itinerância democrática dos Salões do Livro e da Arte

Com o Salão Alagoano do Livro e da Arte, a Edufal assumia, a cada 12 meses, o desafio de movimentar o cenário literário no estado

Intervenções artísticas faziam interação com o público nos corredores montados no Armazém Usina, que abrigou o 1º Salão do Livro

Roberto Amorim

Em 1999, quando foi publicada a portaria designando o professor Eraldo Ferraz como diretor da Editora da Universidade Federal de Alagoas (Edufal), ele sabia que iria enfrentar o maior dos desafios da carreira acadêmica: a responsabilidade de dar continuidade à 1ª Bienal do Livro e da Arte em Alagoas, realizada no ano anterior.

O experiente docente do Centro de Educação da Ufal tinha a certeza de que não seria tarefa fácil. O maior evento literário em chão alagoano tinha contabilizado mais de 30 mil visitantes, muitas oficinas, apresentações artísticas, lançamentos, sessões de autógrafos e trazido para Maceió gente de peso da literatura nacional, como Dias Gomes

e Frei Betto, além do renomado artista plástico Siron Franco.

Inquieto e proativo, o novo diretor da Edufal decidiu que não iria esperar dois anos para realizar a segunda edição da Bienal. "Por considerar de extrema importância eventos literários e artísticos em Maceió, além de alcançar o maior número de pessoas, decidimos criar o Salão Alagoano do Livro e da Arte, com edições anuais e em espaços diferentes", disse Eraldo Ferraz.

Na prática, isso significou menos 12 meses para cumprir a impressionante lista de tarefas, que vai desde a escolha do local até logística de montagem, passando pela busca de parcerias, patrocínio, contatos e convites de escolas, artistas, autores, editoras, livrarias...

"É preciso ressaltar a ousadia e o imenso esforço de toda a equipe da Edufal para a execução do 1º Salão do Livro e da Arte, realizado no mês de outubro na Praça Multieventos, na orla da praia da Pajuçara. Foi um grande sucesso e confirmou a adesão do público ao novo formato do maior evento literário e cultural da cidade", afirmou Ferraz, que, à época, conseguiu o apoio da Fundação Municipal de Ação Cultural (FMAC), por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura. Os homenageados foram o historiador Dirceu Lindoso e o artista plástico Antônio Deodato.

Os princípios de democratizar o acesso aos livros e aproximar autores e artistas do grande público continuaram sinalizando o caminho para construção das cinco edições do Salão do Livro e da Arte.

E, a cada ano, a quantidade de estandes e visitantes aumentava, consolidando o lugar de protagonista do livro no calendário cultural de Maceió e impedindo quaisquer possibilidades de retração ou extinção do evento que, em apenas um ano, triplicou de tamanho.

De 11 a 17 de outubro de 1999, por exemplo, estima-se que passaram pelos 40 estandes montados na Praça Multieventos mais de 50 mil homens, mulheres, adolescentes e crianças. Muitos deles eram turistas que visitavam a cidade e se deparavam com uma praça à beira-mar abarrotada de livros, artes plásticas, shows musicais e oficinas diversas, além da presença diária de pesquisadores e escritores alagoanos.



Eraldo Ferraz faz homenagem à professora da Ufal, Aparecida Batista, na quarta edição do Salão do Livro e da Arte, em 2002

Serraria, Jaraguá e Pajuçara

Embalado com o sucesso de público e vendas do 1º Salão do Livro e da Arte de Alagoas, o diretor da Edufal e sua reduzida e corajosa equipe reafirmaram a realização anual do evento e mantiveram a itinerância. A segunda edição, em 2000, aconteceu nos imensos salões do Museu de Arte Brasileira da Fundação Pierre Chaila, localizado na Praça Manoel Duarte, bairro de Jaraguá. A seguinte, em 2002, foi no imponente prédio da Associação Comercial de Maceió, na histórica Rua Sá e Albuquerque, que também abrigou, no Armazém Dom José (atual Espaço Armazém) o 4º Salão, em 2003.

Também realizam uma Expolivro, em 2001, como uma das atrações da Expoagro, no antigo Parque da Pecuária, no bairro da Serraria. A Expoagro reuniu milhares de pessoas e, além de feira de livros, ofereceu exposição de artesanato alagoano e veículos antigos. Foram montados 180 estandes, quatro restaurantes e 18 bares num espaço de 85 mil metros quadrados, com shows de artistas sertanejos.

Os 11 dias da Expolivro foram marcados por intensa visitação de alunos de escolas públicas, participação de 50 editoras do Brasil e de Portugal, lançamento de 22 livros da Edufal e, principalmente, aproximou milhares de exemplares de livros dos moradores da parte alta da cidade.

"O maior desafio era encontrar espaço para a realização dos salões do livro. Em cada ano buscávamos um lugar adequado para montar a estrutura de estandes, tendo em vista que ainda não tínhamos um centro de convenções em Maceió", ressaltou o então diretor da Edufal, que retornou ao cargo em 2025 para realizar a imensa 11ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas.

"Entendíamos que o livro poderia estar em qualquer espaço desde que o público tivesse segurança de frequentar e aproveitar as atividades culturais disponibilizadas, além dos livros das editoras e livrarias. Era um desafio, mas, com a ajuda de patrocinadores e apoiadores, conseguimos realizar cada edição com sucesso durante cinco anos consecutivos".

É nessa efervescência que o então estudante



Visitantes nos estandes do 1º Salão do Livro, realizado na Praça Multieventos, em 1999



Arquivo Ascom Ufal

Jornalista e chargista Enio Lins prestigiando sessão de autógrafos durante o primeiro Salão do Livro e da Arte, em 1999

do curso de Administração de Empresas da Ufal e estagiário da Edufal, Sebastião Medeiros, tomou gosto pela organização de eventos e o mercado literário. Seu nome consta não apenas na lista da equipe de *staff* de todos os salões e bienais do livro de Alagoas, como também é responsável pela livraria virtual Qui-lombada, que, desde 2018, comercializa obras de autores alagoanos publicados por ele ou por outras editoras locais.

"Graças às parcerias que mantemos, estamos vendendo diversos títulos das principais editoras de Alagoas, entre elas, a Imprensa Oficial Graciliano Ramos, a Editora do Cesmac, a Eduneal, a Edufal e a CBA, além de títulos de autores alagoanos independentes", disse Sebastião, na correria dos preparativos da sua 11ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas. "São 27 anos tendo o privilégio de trabalhar para oferecer ao público alagoano, a cada edição, uma Bienal com mais possibilidades de acesso à maior variedade de livros, editoras e livrarias nacionais e estrangeiras".

Autores e artistas

O acontecimento de quatro edições do Salão do Livro e da Arte de Alagoas e a Expolivro possibilitou aos alagoanos a oportunidade de conhecer os autores locais e suas obras, muitas vezes mais celebradas em outros estados do país. Um desses nomes foi a escritora e ilustradora de livros infantis Ruth Quintella. Suas obras caíram no gosto de uma geração de leitores, sobretudo pela atuação marcante de personagens como "Amarelinha", a pequena borboleta, que deseja voar mais alto; o "Sapo clonado Babau"; os caranguejos "Gueguê" e "Jojó" no manguezal - este último transformado num fantoche do programa infantil Caralâmpia, da TV Educativa.

Nas entrelinhas das histórias, estão presentes as preocupações da autora com temas da cultura e do meio ambiente, mas sem perder de vista o teor ficcional e imaginativo do texto. Durante os salões

do livro e da arte ela lançou livros como *O gogó da ema*, *Vento Norte*, *A tartaruguinha que não saiu do ovo*, *Vento Nordeste* e *Amarelinha, uma pequena borboleta*.

"Foi justamente ouvindo histórias contadas por dona Ruth e lendo seus livros que comprei no 2º Salão do Livro e da Arte que decidi estudar literatura na Ufal e me tornar professora", disse Ana Flávia, 33 anos, que lembra dos livros de 10 metros instalados na entrada da Fundação Pierre Chalita.

Seguindo os passos de Ruth Quintella, a professora incentiva o hábito da leitura nos filhos e sobrinhos. "Uma vez por semana, todos se reúnem aqui em casa para falar do livro que está lendo. Na nossa turma, o celular vem em segundo plano".

O contato autor-leitor ganhou lugar de destaque garantido durante as realizações dos salões do livro. Na segunda edição, em 2000, foi aberto o espaço Salão de Ideias, onde aconteceram entrevistas e bate-papos com diversos autores alagoanos sobre suas produções das mais variadas áreas.

Em 2003, o espaço ficou ainda maior, com mais convidados e foi renomeado Café Literário, que recebeu escritoras como Arriete Vilela, Anilda Leão, Solange Chalita, Belmira Magalhães e Vera Romariz.

As exposições de artes plásticas cada vez mais robustas e intensa programação cultural também marcam as cinco edições do Salão do Livro e da Arte de Alagoas. Nos itinerantes palcos, se apresentaram desde o Ballet Íris de Alagoas até folguedos populares, como pastoril e o guerreiro, passando por shows como os dos cantores Basílio Sé, Chico Eupídio e Macleim.

"Na memória ficaram as atividades multiculturais que aconteciam simultaneamente com as vendas dos livros. De lá para cá, muitas coisas mudaram. Após 2003, o Centro Cultural e de Exposições já estava pronto, garantindo, assim, a volta da Bienal do Livro de Alagoas com realização a cada dois anos", ressaltou o diretor da Edufal. "Os salões do livro confirmaram que os alagoanos tinham firmado compromisso com o maior evento literário do estado, que não poderia parar, pelo contrário, a Edufal tinha, a partir daquele momento, a missão de oferecer cada vez mais", completou.

Reitor Rogério Pinheiro entrega homenagem ao bibliófilo José Mindlin, durante o 3º Salão do Livro, realizado na Associação Comercial



Arquivo Ascom Ufal



Renner Boldrino

PERFIL

Roberto Sarmento e sua trajetória em busca da boa literatura

Ele participa de múltiplas formas do evento literário alagoano desde a primeira edição, em 1998, seja como professor, escritor, pesquisador ou simples leitor

Roberto Amorim

“Sem leitor, o livro não vive; sem livro não existe leitor. Ficaria muito feliz se todos gostassem de ler”. Com essa convicção, Roberto Sarmento participa, desde 1998, das Bienais e Salões do Livro. Está ansioso pela 11ª edição da Bienal Internacional do Livro de Alagoas, que começa no dia 31 de outubro e se estende até 9 de novembro.

São 27 anos acompanhando de perto o maior evento literário do estado de múltiplas formas. Ora como professor de Literatura da Universidade Federal de Alagoas (Ufal); ora como palestrante e escritor participando de sessão de autógrafos; ora como alagano orgulhoso em testemunhar a evolução da Bienal em chão maceioense. Na última edição, em 2023, foram mais de 400 mil visitantes, participação de 700 editoras e cerca de 250 mil livros vendidos.

Mas, é, principalmente, como leitor que Roberto Sarmento vem percorrendo os corredores abarrotados de gente e livros durante o evento. “O papel de uma Bienal do Livro é promover, ainda que de forma mais ligeira, o encontro das discussões em torno do livro de uma maneira geral, nas diversas áreas do conhecimento, não só na vertente da literatura. É a hora em que o livro vira uma estrela e a sociedade parece estar olhando mais nessa direção”, afirmou o professor de Literatura, aposentado em 2024, depois de 45 anos de sala de aula na Faculdade de Letras.

Na décima edição da bienal, ele entregou ao público a obra *Retratos do narrador cínico: confissões em lugares fechados*, publicada num consórcio entre a Eduneal e a Edufal. Logo depois do lançamento, o livro foi indicado para concorrer ao Prêmio Jabuti, na categoria Letras, Linguística e Estudos Literários. Foi a última empreitada editorial da carreira docente universitária do professor que começou o trabalho na Ufal aos 22 anos. “Neste trabalho deixei mais marcada a minha visão de literatura, já mais amadurecida, mais refletida”, declarou.

O jovem professor já acumulava uma década de leitura literária quando da aprovação no concurso público. Aos 12 anos, se encantou com *Helena*, de Machado de Assis, e não parou mais. Pelo contrário, intensificou a intimidade com as letras e não havia mais dúvidas de que carreira seguir.

"A literatura sempre esteve presente na minha vida. Minha mãe e minha avó materna liam muito. Tanto numa casa como na outra, havia estantes que abrigavam livros de autores diversos, brasileiros e estrangeiros. Machado de Assis chamou a minha atenção pela escrita primorosa. Eu intuía apenas, não tinha ainda uma convicção linguística amparada em gramáticas, mas sei que Machado foi o meu primeiro grande mestre das letras", confessou Sarmento.

Ele conta que escolher o curso universitário foi tarefa fácil, só precisou resistir à influência do pai para seguir a carreira de engenheiro. Mas o destino já estava selado. Desde os 15 anos, já dava aulas particulares de língua portuguesa: "Queria ser professor nessa área. Já fazendo o curso, a partir de 1974, aos 17 anos, achei que era a literatura o que me atraía mais".

Em 1986, quando completou 30 anos de idade, foi premiado em 1º lugar no Concurso Nacional Manuel Bandeira, promovido pelo Ministério da Cultura, com o ensaio *Manuel Bandeira: o mito revisitado*, publicado pela Editora Tempo Brasileiro, do Rio de Janeiro. "Episódios assim é que dão ânimo para não perder a coragem de ir em frente num país tão difícil de viver, tão desigual como é o Brasil".

Resistência

Roberto Sarmento reafirma o papel da literatura enquanto ato de resistência, principalmente no Nordeste – "região mais empobrecida e deixada empobrecida" –, onde os desafios culturais são enormes, às vezes embargados. "Mas dá gosto ver como se realiza a resistência. É sempre política a participação do escritor, a partir mesmo da invenção de um poema, de qualquer dizer literário que se faça conhecer. Nada é inocente neste mundo. Querer significar é uma arma de resistência, em qualquer formato", completou.

Esse sentir, aprender e ensinar literatura para além das palavras, mas num contexto social e histórico, vem desde a década de 1980, quando rompeu, em suas aulas na Ufal, com a moda brasileira de estudar literatura a partir de uma perspectiva mais imanente, mais formalista.

Sarmento conta que foi seduzido por uma abordagem mais contextualista, sem abandonar as análises textuais, e, quando se deu conta, já estava caminhando pela trilha dos críticos nacionais que mais o influenciaram: Antonio Candido, Alfredo Bosi e Roberto Schwarz. "Foi uma entrega total. Li Karl Marx

bastante, mas não foi esse pensador que me pegou em cheio. Foi, antes, Max Weber, entre outros, como Ernst Fisher, Walter Benjamin. Mas, sem dúvida, foi o método crítico de Antonio Candido, que alia visão sociológica e noção de forma, o que mais contribuiu para a formação do meu espírito crítico", revelou.

Antonio Candido defendia a literatura como um direito humano básico, argumentando que o acesso a ela enriquecia a experiência humana e promovia a formação integral do indivíduo. Também defendia a ideia de que a literatura, como um sistema, dependia de fatores internos [língua comum e temas representativos] e externos [contexto social e histórico] em interação dinâmica. Além disso, Candido foi um importante intelectual engajado na luta por justiça social e direitos humanos, atuando como crítico literário, sociólogo e defensor de causas humanitárias.

Não à toa, no doutorado, Sarmento estudou o famoso romance de Graciliano Ramos (1892-1953) *Vidas Secas*, lançado em 1938 e considerado por boa parte da crítica literária como a obra-prima do escritor alagoano e ponto culminante do Romance de 30, produção ficcional que, entre as décadas de 1930 e 1940, tematiza as carências das regiões menos desenvolvidas do Brasil.

"Estudei *Vidas Secas* para iluminar o papel produtor de linguagem de Fabiano, que, entretanto, mal sabia falar e não sabia ler. Parece um contrassenso, não? A percepção de realidade de Fabiano, em meio às agruras sofridas em ambiente completamente hostil, foi ressaltada nessa minha tese, cujo intuito foi mostrar que, glosando Gramsci, existe um intelectual agindo mesmo nas mais humildes criaturas, excluídas das benesses civilizatórias", explicou.

Pesquisa, ensino, aposentadoria

O comprometimento de Sarmento com as teorias literárias vem desde os tempos da graduação, na década de 1970. Mesmo numa época em que não existia a exigência do famoso e temido Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o dedicado estudante surpreendeu os professores ao escrever um pequeno ensaio intitulado *Realidade e metáfora em Eça de Quei-*

rós, ainda faltando um semestre para concluir o curso.

"No semestre seguinte, já em 1978, o professor Edson Alcântara levou esse meu 'TCC' para ser publicado numa revista universitária de Letras, em Palmas, no Paraná, onde ele tinha contatos. Foi, assim, o meu primeiro artigo publicado em revista acadêmica especializada", lembrou o professor, que foi monitor duas vezes durante a graduação e se aposentou na Ufal como Professor Titular – o nível mais elevado na carreira docente universitária em instituições de ensino superior no Brasil.

Em 45 anos de docência, é responsável por dezenas de publicações científicas, orientações de TCC, dissertações de mestrado e doutorado; além de inúmeras atividades de extensão, como minicursos, palestras e conferências. "Como autor de livros e professor da literatura, segmentos que eu não separo, entendo que ocupar esses papéis culturais é andar junto com a sociedade em que vivo. Nunca um trabalho é uma ação solitária; é uma ação solidária. Consegui, com alguns orientandos, despertar e solidificar interesses pela literatura, no que me sinto realizado", afirmou o professor aposentado, que confessa, às vezes, sonhar que está dando aula: "Sonho mesmo".

Em relação à produção literária alagoana, o experiente professor, pesquisador e escritor afirma que o amadorismo foi sendo deixado de lado, por meio de muito estudo num caminhar cada vez mais consistente no difícil caminho da profissionalização. "Hoje, graças a Deus, vejo ex-alunos de Letras (alguns orientei) escrevendo, compondo, publicando. Hoje temos uma camada jovem em Alagoas muito competente e dedicada à indústria do livro, escrevendo poemas, contos, crônicas, romances. E que assim continuem! Sei que os entraves econômicos atrapalham muito, mas é estimulante ver como se pode criar uma parede de resistência às dificuldades", revelou.

E indica o caminho para quem quer enveredar pelo instigante e desafiador universo literário acadêmico: "O que aconselho a qualquer jovem que queira entrar na vida acadêmica é: estude! Estude muito! E abrangendo, com seu esforço, todos e possíveis recantos do conhecimento. Tenha uma visão de conjunto! Nunca parcele a sua percepção do fato!".

Professor Roberto Sarmento participa dos eventos literários da Ufal desde 1998, Bienais e Salões do Livro



Quando o livro se torna protagonista e ganha *status* internacional

Da ousadia de organizar sem grandes patrocínios experiências que transformam vidas, a 2ª fase das Bienais do Livro de Alagoas, 2005-2009, reafirmou que a leitura pode encantar, incluir e inspirar gerações inteiras

Roberto Amorim

“Quem monta um evento desses sem patrocínio de grandes empresas tem que ter uma boa dose de loucura”. A afirmação do escritor Moacyr Scliar aconteceu em outubro de 2005, num restaurante em Maceió, durante almoço com a então diretora da Editora da Universidade Federal de Alagoas, Sheila Maluf.

Ele acabara de chegar à cidade para participar da 2ª Bienal Nacional do Livro de Alagoas, que aconteceu de 19 a 25 de outubro, no Clube Fênix Alagoana, à beira-mar, na praia da Avenida. Assim como na edição passada, o acesso ao espaço e às atividades literárias e culturais foi gratuito. Uma marca da Bienal alagoana. É a única no Brasil realizada por uma editora pública, a Edufal, e com acesso gratuito, sem pagamento de ingresso, o que não acontece no resto do país.

A presença de Scliar e de outros escritores e escritoras de reconhecimento nacional foi emblemática e simbólica. Marcava que, a partir de então, o livro seria o único protagonista do evento. De 1998 a 2003, literatura e artes plásticas dividiram o espaço da primeira Bienal e de cinco edições do Salão do Livro e da Arte de Alagoas.

“Adotamos o formato das grandes bienais, como as realizadas no Rio de Janeiro e São Paulo, por entendermos que o livro deveria ser a grande atração, principalmente num estado como Alagoas, com baixos índices de leitura. Tudo foi pensado para colocar a literatura em evidência, pois acreditamos que por meio da leitura as pessoas são, espontane-

amente, levadas a dialogar com outras linguagens artísticas”, explicou Maluf, que, além de 2005, fez a curadoria das Bienais de 2007, 2009, 2011 e 2023.

A partir desse norte, o maior evento literário do estado montou uma vasta programação com dezenas de lançamentos, sessões de autógrafos, participação de 233 editoras em 52 estandes e 14 palestras com escritores alagoanos e de outras partes do Brasil.

Além de Moacyr Scliar, passaram por Maceió Fernando Moraes, Guiomar Namó de Mello, Raimundo Carrero, Sérgio Sá, Marisa Lajolo, Pedro Bandeira, Amir Piedade, Ana Maria da Costa Cruz, Antônio Torres e Lêda Maya.

O patrono da celebração literária de 2005 foi o romancista e poeta Lêdo Ivo. “É um orgulho ver minha terra, minha Maceió, empenhada em homenagear a



Crianças descobrem o universo dos livros infantis nos estandes da 2ª Bienal do Livro de Alagoas, em 2005

Arquivo Ascom Ufal

riqueza da literatura brasileira. Uma Bienal do Livro é sempre uma excelente oportunidade para crianças, jovens, adultos e idosos vivenciarem essa experiência inesquecível de estar num lugar onde o livro é a peça principal", disse, à época, Lêdo Ivo, que durante a Bienal recebeu o título de Doutor Honoris Causa, da então reitora da Universidade federal de Alagoas, Ana Dayse Dorea.

A estratégia de priorizar a literatura na segunda Bienal deu certo. Em poucos dias, o público correu para preencher as 450 vagas ofertadas em 14 palestras e 12 oficinas.

Aos 19 anos em 2005, a estudante do curso de Letras-Literatura, da Ufal, Rosângela Amorim, praticamente acampou no Clube Fênix Alagoana para não perder nenhuma palestra e oficinas dos escritores famosos que estavam em Maceió pela primeira vez graças à 2ª Bienal Nacional do Livro de Alagoas.

"Em muitos momentos chorei de emoção ao ouvir, conversar, pedir autógrafo e até abraçar escritores que adorava ler suas obras. Foi tudo incrível. A Bienal confirmou que estava no caminho certo da minha futura profissão", disse a hoje professora de Literatura Brasileira em escolas públicas e privadas de Maceió. "Tenho certeza que assim como a minha, aquela Bienal transformou a vida de muitas outras pessoas. A literatura tem essa força, de mudar pensamentos e ações".

Adultos e crianças se encantavam com a oferta de livros a preços acessíveis e ao alcance de todos na Bienal de 2005



Batalhas travadas e vencidas

Mas, para acontecer, atingir a marca de 50 mil visitantes e 100 mil livros comercializados, a 2ª Bienal Nacional do Livro de Alagoas começou a ser gestada ainda em 2004, quando a então professora dos cursos de Letras e Teatro, Sheila Maluf, atendeu à convocação da reitora Ana Dayse para sentar na cadeira da direção da Edufal.

A partir daí, conta ela, iniciou uma via-crúcis de produção de projetos de patrocínio, marcação de reuniões e longas conversas para convencer empresários e gestores públicos a embarcar no maior evento literário de Alagoas. "Há 20 anos, a Bienal não tinha a força, credibilidade e visibilidade que tem hoje. Muitas vezes nem era recebida para apresentar o projeto, mas insistia tanto que vencia pelo cansaço. Aos poucos fomos fechando alguns apoios, mas tudo ainda muito tímido. Não tivemos patrocinadores fortes", lembrou Maluf, que usava o próprio carro para o traslado dos convidados dos outros estados, que ficavam hospedados no Hotel Ponta Verde, parceiro de diversas outras bienais. "Eles vieram a Maceió sem cachê, fruto das negociações entre nós e as editoras que os representavam".

Segundo ela, a Bienal de 2005 foi muito importante para a história do evento em Alagoas. "Foi a



Contação de histórias era atração para crianças desde as primeiras edições da Bienal do Livro de Alagoas

semente da Bienal que conhecemos hoje. O passado nos ensina que podemos transformar sonhos em realidade. Para isso, travamos muitas batalhas e vencemos todas elas. A tímida Bienal daquela época se transformou nessa grande celebração literária que cresce a cada edição".

2007: a era das Bienais internacionais

Entusiasmada com os resultados positivos e surpreendentes da 2ª Bienal Nacional do Livro de Alagoas (2005), dois anos depois, a Edufal deixou para trás a timidez dos primeiros passos e decidiu entrar no calendário das bienais do país apostando na expansão do espaço, das editoras, livrarias, programação, estandes, ambientação e diálogo para além das fronteiras brasileiras.

Não à toa, a então diretora Sheila Maluf foi até a Câmara Brasileira do Livro (CBL) solicitar o *status* de internacional para a Bienal realizada em chão alagoano. Voltou de São Paulo autorizada a dialogar com outros países e, pela primeira vez, garantiu a participação de representantes de nações além-mar, como França e Portugal. Das américas vieram as literaturas do Peru e do México.

Erivan Gomes, diretor da CBL, esteve em Maceió para a abertura da 3ª Bienal do Livro de Alagoas, sendo a primeira com o selo de evento internacional.

Essa conquista somou-se a outra: garantir ocupar os 48 mil metros quadrados de área total do Centro Cultural e de Exposições de Maceió, no histórico bairro de Jaraguá. Até então, as edições das bienais passadas eram realizadas em diversos espaços da cidade, que não comportavam mais o aumento de fluxo.

O reforço da corrente humana e financeira da 3ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas conseguiu garantir vários recordes, tendo o número 8 como principal indicador. Foram 18 oficinas, 118 estandes e 18 mil títulos à disposição do público, que foi estimado em cerca de 108 mil pessoas nos 10 dias do evento, gerando cerca de R\$ 1,8 milhão em vendas.

Foram 300 editoras presentes, entre universitárias e comerciais. O número de visitas escolares surpreendeu até os mais otimistas, com a participação de 36.196 alunos, segundo relatório da Edufal, que também contabilizou 210 lançamentos, sendo 55 da própria editora da Ufal.

Nesse sentido, a Bienal de 2007 levou obras de 85 autores alagoanos, com várias sessões de autógrafos e bate-papo entre escritores, escritoras e o público numa intimidade criativa que só um evento literário pode proporcionar. Era possível, por exemplo, em diversos dias e horários, encontrar a escritora carioca Lêda Maya sentada no chão dos corredores do Centro Cultural contando histórias dos seus livros rodeada por crianças.



Arquivo Ascom Ufal

Crianças de escolas municipais durante atividades em estande da Fundação de Ação Cultural de Maceió

Atrevida e expansiva, a terceira Bienal também já se mostrou inclusiva com o lançamento de seis livros em braille. A Edufal foi a primeira editora universitária no país a desenvolver um projeto de publicação de livros em braille para atender a um público leitor específico, que apesar da deficiência visual, busca o acesso à literatura de qualidade.

Por dentro do livro

Com o espaço novo garantido, a direção da Edufal decidiu colocar em prática em Alagoas as ideias inspiradas nas andanças de Maluf pelas bienais de São Paulo e Rio de Janeiro. Por lá, percebeu que os eventos investiam cada vez mais em atrações de lazer que enchiam os olhos não só de crianças e adolescentes, mas também do público adulto.

A de maior sucesso em 2007 foi o grande túnel em formato de livro. Durante a travessia, o público se deparava com paradas para ouvir e ver partes das histórias encenadas por grupos teatrais de Maceió. A experiência marcou muitas crianças, como Ana Paula, que à época tinha 7 anos. Hoje, com 25, ainda recorda a emoção de entrar num livro e encontrar os personagens contando as próprias histórias.

“É impossível esquecer. Foi surpreendente,

mágico, encantador. Lembro de pedir a minha mãe para voltar várias vezes. E cada vez que ia, comprava um novo livro e me apaixonei pela leitura. Tenho certeza que aquela experiência impactou muitas crianças e revelou as possibilidades infinitas da leitura”, disse a agora pedagoga Ana Paula, com especialização em Estratégias de Aprendizagem Infantil.

No quesito 10 dias de programação, a 3ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas foi imbatível até então. O patrono foi o professor Manoel Correia de Andrade (*in memoriam*), da Cátedra de Gilberto Freire. Historiador e geógrafo pernambucano, ele escreveu mais de 100 livros. Do Rio de Janeiro, o cartunista e chargista Paulo Caruso (1949 – 2023) passou por Maceió para lançar seus livros e falar sobre charge e humor.

O jornalista, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras, Carlos Heitor Cony (19286-2018) também participou da Bienal com a palestra sobre o desafio da comunicação nos tempos contemporâneos. Ele aproveitou para autografar livros e conversar com leitores. “Alagoas é uma terra intrigante. O protagonista do meu romance *O ventre* tem uma passagem por Maceió. Gosto muito de estar aqui”, declarou, durante a palestra.

Outro nome de peso da literatura brasileira a marcar presença foi o também jornalista, escritor e imortal da ABL, Zuenir Ventura, que atualmente está com 94 anos e, à época, falou sobre as histórias dos seus 50 anos de prática jornalística.

Psicanalista, educador, teólogo e escritor, Rubem Alves (1933 – 2014) também lançou e autografou livros, além de conversar com o público sobre a Educação dos Sentidos. Aconteceu, ainda, a palestra “Jornalismo e Literatura”, do jornalista e escritor Luiz Gutemberg, nascido em Maceió e radicado em Brasília. Aos 88 anos, ele foi um dos mais importantes jornalistas na cobertura dos fatos da capital do país, com destaque no exercício da profissão na *Revista Veja* e no *JB (Jornal do Brasil)*.

Escritores, pensadores e pesquisadores sociais alagoanos ofereceram diversos momentos de reflexão em seminários e mesas-redondas, além de lançamentos. Foi lançado, por exemplo, *Dicionário Mulheres de Alagoas ontem e hoje*, organizado por Enaura Quixabeira Rosa e Silva e Edilma Acioli Bomfim.

2009: leitura para todos

Aos 77 anos, dona Maria José Oliveira frequenta as Bienais de Alagoas desde 2009, quando, ao lado

do marido Sebastião, entrou pela primeira vez no Centro Cultural e de Exposições de Maceió e se deparou com milhares de livros. O casal fez parte das caravanas de idosos da modalidade de Educação para Jovens e Adultos (EJA) levados, no período noturno, à 4ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, realizada de 30 de outubro a 8 de novembro de 2009.

“Desde aquela época, não paramos mais de ler e visitar a Bienal para comprar livro barato e bom. Agora vai a família toda: minhas filhas e um monte de neto. Todos gostam de ler e aprenderam cedo”, contou a aposentada, nascida e criada no município de Teotônio Vilela. A experiência dela com a montanha de livros à disposição na Bienal foi multiplicada por mais de 40 mil – número de estudantes das redes pública e privada, contabilizado pela organização do maior evento literário do estado.

Com o tema “Leitura para Todos”, as ações inclusivas foram expandidas em relação à Bienal de 2007, que ficou marcada pelo lançamento da Edufal de livros em braille. Foram 14 oficinas com estratégias específicas que acolheram pessoas com deficiência visual, auditiva e crianças com síndrome de Down. Uma delas, ministrada pelas jornalistas e escritoras Cláudia Lins e Simone Cavalcante, ensinava como produzir audiolivro para crianças e adolescentes.

Sheila Maluf (camiseta verde) e docentes da Ufal, entre eles Charles Zozolli (camisa branca) e Izabel Brandão (de óculos ao lado de Sheila)



Arquivo Ascom Ufal

"Uma experiência mágica, inesquecível e que me fez ter certeza de colocar o jornalismo em segundo plano e investir na carreira de escritora e editora de livros infanto-juvenis", afirmou Cláudia Lins, que montou seu próprio negócio, a Mundo Leitura Editora, com atuação nacional e responsável pela publicação de mais de 30 autores e dezenas de títulos.

A manicure Albertina Fonseca também lembra da 4ª Bienal com lágrimas nos olhos e conta, com a voz embargada, a emoção de ver o filho portador da síndrome de Down ser respeitado e acolhido em um evento público e tão importante. "Fui ainda receosa, pois sempre precisei brigar para exigir os direitos do meu filho. Mas quando cheguei lá tudo mudou. Parecia que estava em outro mundo. O ambiente e as pessoas foram muito acolhedores. Ir àquela Bienal renovou minhas forças para cobrar por uma sociedade mais justa e igualitária", disse Albertina que, desde então, espera ansiosa cada nova edição do evento.

Professor Niraldo de Farias, da Faculdade de Letras, durante atividade na 2ª Bienal do Livro de Alagoas, em 2005

Maior livro do mundo

Numa linha crescente desde 1998, os números da Bienal de 2009 em chão alagoano comprovaram a adesão do público, das editoras, livrarias, pensadores e escritores de várias partes do Brasil que incluíram Alagoas na rota das suas andanças e negócios. A soma chegou a 85 palestras, 10 eventos e 17 mesas-redondas, além de performances e espetáculos com contadores de histórias.

Desta vez, os mais de 5.500 metros quadrados do pavilhão de feira do Centro Cultural e de Exposições foram ocupados por mais de 300 editoras [universitárias e comerciais], espalhadas em 130 estandes e mais de 20 mil livros expostos. Entre eles, o maior livro do mundo, uma edição de 300 kg do clássico *O Pequeno Príncipe* surpreendeu os visitantes.

A edição especial da editora Ediouro tinha sido exposta em 2007 na Bienal do Rio de Janeiro. O livro media 3 metros de altura por 1,54 a 1,64 metros de largura. A famosa história escrita por Antoine de Saint-Exupéry é contada em 128 páginas gigantes, que totalizam 300 quilos e consumiram 450 m² de papel. Em Alagoas uma equipe manuseava as gigantes páginas para os interessados. Já naquela época, o maior livro do mundo se transformou no espaço instagramável mais fotografado do evento.

A então estudante do ensino fundamental, Andira Miranda, de 11 anos de idade e que já cultivava o hábito da leitura, disse que nunca imaginou existir um livro tão grande: "Conheço a história, inclusive em filme, mas nunca imaginei que um dia pudesse vê-la num livro tão grande e aqui em Maceió. Para mim é uma grande surpresa ver *O Pequeno Príncipe* como o maior livro do mundo".

Depois de se deparar com o maior livro do mundo, os estudantes fizeram longas filas para embarcar no Expresso do Saber, atração montada pelo Instituto Arnon de Mello. Era um ônibus adaptado, climatizado, com acervo de mais de 1.500 livros. "A terceira Bienal sob minha gestão na Edufal privilegiou ainda mais as atrações para as 200 escolas que confirmaram a participação. Foram mais de 40 mil estudantes em busca de novidades e encantamento. E não poderíamos decepcioná-los, sob o risco de perder a oportunidade de formar novos leitores", recordou Sheila Maluf, com memória invejável para lembrar dos detalhes das ações realizadas há mais de uma década.

Salas e praça de autógrafos

A Bienal do livro de 2009 também ampliou os espaços reservados para discussões acadêmicas, apresentação de trabalhos científicos, palestras, debates, mesas-redondas e oficinas literárias e de criação. Foram cinco salas, as maiores com 180 lugares e um auditório com capacidade para 500 pessoas, além da Praça de Autógrafos, que possibilitou a interação entre autores independentes e o público visitante. Todas com atrações manhã, tarde e noite.

Na programação científica da Bienal, Maceió sediou, por exemplo, o Fórum Ibero-Americano de Editoras Universitárias; o 5º Encontro Estadual do Proler; 3º Encontro de Gestores de Bibliotecas Públicas; 2º

Fórum do Plano Estadual do Livro e da Leitura; 2º Seminário Nacional de Serviço Social; e o 2º Colóquio Internacional Brasil x Áfricas: Artes, Culturas e Literaturas, com a presença de representantes de Cabo Verde, Moçambique, Angola e Guiné Bissau.

Na segunda edição com *status* de internacional, a Bienal conseguiu reunir em Alagoas a literatura e a cultura de dez países: México, Peru, Costa Rica, Colômbia, Portugal, França, Angola, Moçambique, Cabo Verde e Guiné Bissau. Fizeram palestras, lançaram livros e conversaram com leitores os escritores Ignacy Sachs (França), Ondjaki (Angola) e Juan Felipe Córdoba Restrepo (Colômbia).

O país homenageado foi a França, e o evento fez parte das comemorações do Ano da França no Brasil. Por isso, a Edufal lançou três livros franceses com o selo da editora: *Sociologia das Relações Internacionais*, de Guillaume Devin (traduzido por Milani, MF Durand), *Transatlantique*, de François Laplantine (traduzido por Rachel Rocha e Bruno César), e *A mesa, o livro e os espíritos*, de Marion Aubrée e François Laplantine.

O patrono da 4ª Bienal foi o jornalista, pesquisador, professor e escritor alagoano José Marques de Melo (1943 – 2018), que proferiu a palestra "Gêneros e formatos jornalísticos", nome também no livro mais recente na época e fruto do longo período de pesquisas científicas sobre a área do saber do Jornalismo. Ele foi o primeiro doutor nessa área titulado por uma universidade brasileira e publicou dezenas de livros sobre os princípios do Jornalismo e da Comunicação Social.

O educador Celso Antunes também marcou presença com a palestra "Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender". Ainda nas discussões sobre processos de educação, o educador e psicanalista Rubem Alves (1933 – 2014) retornou às bienais de Alagoas com suas Conversas sobre Educação.

No campo da literatura, a Bienal recebeu o crítico, contista e romancista Ignácio de Loyola Brandão e a noite de encerramento, no dia 8 de novembro de 2009, ficou a cargo da atriz, dramaturga e escritora Maitê Proença que sentenciou: "Os aprendizados numa Bienal marcam vidas para sempre".





Renner Boldrino

PERFIL

Nome completo: **professora
Sheila Maluf da Bienal**

Curadora de cinco edições do maior evento literário de Alagoas e ex-diretora da Edufal, ela foi responsável por consolidar o formato da Bienal como conhecemos hoje e torná-lo internacional

Roberto Amorim

Não seria exagero incluir a palavra “Bienal” no sobrenome da professora aposentada e ex-diretora da Editora da Universidade Federal de Alagoas (Edufal), Sheila Diab Maluf. Ela é responsável não só por cinco edições do maior evento literário de Alagoas, mas por consolidar o livro como protagonista.

Até 2003, a primeira Bienal (1998) e os cinco Salões do Livro foram marcados pela forte presença de exposições de artes plásticas e esculturas, numa dobradinha explícita já na nomenclatura: “Bienal do Livro e da Arte” e “Salão do Livro e da Arte”.

“Aceitei o desafio, em 2004, da então reitora Ana Dayse, para assumir a Eudal e consolidar a Ufal como a única universidade pública, até os dias de hoje, a realizar bienais gratuitas, com foco no incentivo do hábito de ler livros e não apenas privilegiando o aspecto da venda de livros, como acontece nas outras bienais realizadas no Brasil”, afirmou Sheila Maluf, que, em 2005, realizou a primeira Bienal apenas do livro em chão alagoano.

Aposentada oficialmente em 2007 das aulas, das pesquisas e da extensão nos cursos de licenciatura em Letras e Teatro, ela continuou os trabalhos na Eudal até 2012, depois de fechar um ciclo de quatro bienais. Em 2023, voltou ao ofício da curadoria para montar a edição número 10 da Bienal Internacional do Livro de Alagoas, que bateu recorde de público com aproximadamente 420 mil visitantes em dez dias.

“O professor Tonholo [reitor da Ufal] me convocou e não pude resistir. É sempre muito trabalho, muito estresse, muita preocupação para oferecer o melhor ao público. Mas também é muita felicidade, muito prazer e, principalmente, a sensação de dever cumprido de uma universidade pública devolvendo à população parte do investimento da sociedade na nossa Universidade através do pagamento de impostos. Eu me emociono e choro a cada Bienal, e na última não foi diferente, mesmo com tantos anos de experiência”.

Tanta intimidade com a construção de bienais marcou profundamente a relação dela com os livros. Leitora voraz e curadora metódica, Sheila Maluf também se transformou numa vigorosa editora. Nos nove anos na direção da Eudal publicou e lançou 564 obras. Em seguida, montou o próprio selo, a Viva Editora e Livraria, que já contabiliza quase 200 títulos no portfólio, nas áreas da Educação, História, Infantil e Corpo Humano, muitos com *download* gratuito.

Graduada em licenciatura em Educação Artística pela Fundação Armando Álvares Penteado, mestrado e doutorado em Artes pela Universidade de São Paulo, a professora aposentada da Ufal não se limita às ações práticas e burocráticas das suas empreitadas como gestora. Mas participou ativamente da concepção das ambientações da identidade visual de cada Bienal sob sua supervisão, como também pensa o projeto gráfico de cada livro produzido.

Desde os tempos da graduação em Artes Plásticas, ela não consegue desassociar a literatura das visualidades múltiplas. Tal habilidade foi essencial durante a realização da 2ª Bienal do Livro de Alagoas, em 2005, no tradicional Clube Fênix Alagoana, à beira-mar da praia da Avenida da Paz.

Sem recursos para contratação de arquitetos ou designers, Sheila Maluf acrescentou às suas tarefas a missão de tornar os espaços da Bienal do Livro mais atrativos, principalmente para crianças e adolescentes. Tendo como referência a tenda do circo, montou uma arena de fitas nas cores da bandeira de Alagoas (azul, vermelho e branco) no pátio central do clube.

Também transformou a parte superior do prédio num grande salão para lançamento de livros e palestras, além de incluir diversos elementos lúdicos no circuito da ainda tímida Bienal do Livro de Alagoas, com público estimado em 50 mil pessoas.

“A Bienal de 2005 é muito importante. Foi a semente da Bienal que conhecemos hoje. Bienal do Livro é diferente de feira literária, que acontece nas ruas e em diversos espaços. Retomamos o formato de concentrar tudo num único espaço para reforçar o lugar de destaque do livro e o público ter acesso

a todas as possibilidades num único espaço. Isso também deu mais praticidade e segurança para aumentar o fluxo das visitas das escolas públicas e privadas", disse Sheila, que publicou seu primeiro livro, a tese do dourado, na 1ª Bienal do Livro e da Arte, em 1998, no late Clube Pajussara.

A casa da Bienal alagoana

Inquieta e proativa, a então diretora da Edufal terminou de acompanhar, pela manhã, a desmontagem da segunda Bienal e, à tarde, já estava solicitando a reserva do recém-inaugurado Centro Cultural e de Exposições de Maceió, no histórico bairro de Jaraguá. Para dobrar o público, tinha agora à disposição um pavilhão de feira com aproximadamente 7.400 metros quadrados.

Com o espaço novo garantido, ela decidiu colocar em prática em Alagoas as ideias inspiradas nas suas andanças pelas bienais de São Paulo e Rio de Janeiro. Por lá, percebeu que os eventos investiam cada vez mais em atrações de lazer que enchiam os olhos não só de crianças e adolescentes, mas também do público adulto.

Grandes estruturas lúdicas e interativas eram essenciais para promover a interação entre o público e os livros, fazendo da Bienal não apenas um lugar de compra com preços atrativos, mas espaço de experiências de aprendizado em múltiplas linguagens.

A partir daí, a aposta no impacto visual do evento foi dobrada, e a busca por patrocinadores determinante para garantir as atrações especiais da terceira Bienal, realizada em outubro de 2007.

O cenário ficou ainda mais desafiador quando a Reitoria da Ufal solicitou à Câmara Brasileira do Livro o *status* de Internacional para o evento realizado em solo alagoano. Aprovado o pedido, a 3ª Bienal Internacional do Livro teve a França como país homenageado e participação do México, Peru e Portugal.

Depois vieram Portugal, Colômbia, Argentina e, em 2025, serão os países africanos de língua portuguesa: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

A internacionalização de uma Bienal do Livro amplia o alcance cultural do evento e fortalece sua relevância. Ao trazer autores, editoras e tradições literárias de outros países, o evento estimula diálogos interculturais e enriquece o repertório dos leitores locais. Essa troca promove novas perspectivas e insere a produção literária de Alagoas em uma rede internacional de ideias. Mais do que uma feira, torna-se um espaço de diplomacia cultural.

Professores, estudantes e pesquisadores têm acesso a experiências que dificilmente ocorreriam fora desse ambiente. O contato direto com autores estrangeiros amplia horizontes educacionais e desperta o interesse por novos temas. Assim, a Bienal do Livro de Alagoas deixava de ser apenas um evento regional e projetava-se como referência de cultura e leitura.

"A equipe da Edufal não tinha medo de desafios e fomos à luta para a realizar a maior e mais atrativa Bienal nos grandes salões do Centro Cultural e de Exposições, que terminou se transformando na casa das bienais de Alagoas. Tínhamos a obrigação de melhorar a cada edição, pois o povo alagoano já aguardava ansioso as atrações da Bienal", contou Sheila Maluf, que cumpriu a promessa de dobrar o público e contabilizou 100 mil visitantes.

Um dos grandes sucessos da nova fase da Bienal foi o grande túnel em formato de livro. Durante a travessia, o público se deparava com paradas para ouvir e ver partes das histórias encenadas por grupos teatrais de Maceió. A experiência marcou muitas crianças, como a Ana Paula, que, na época, tinha 7 anos. Hoje, com 25, ainda recorda da emoção de entrar num livro e encontrar os personagens contando as próprias histórias.

"É impossível esquecer. Foi surpreendente, mágico, encantador. Lembro de pedir a minha mãe para voltar várias vezes. E cada vez que ia comprava um novo livro e me apaixonei pela leitura. Tenho certeza que aquela experiência impactou muitas crianças e revelou as possibilidades infinitas da leitura", relembrou a agora pedagoga Ana Paula, com especialização em estratégias de aprendizagem infantil. "Aquele túnel em 2007 me levou ao caminho da uni-



Sheila Maluf, Lêdo Ivo, José Márcio Lessa, secretário de Estado da Educação, e reitora Ana Dayse Dorea na abertura da Bienal em 2005

versidade e da minha profissão. Não é possível dimensionar o impacto positivo de uma Bienal para uma cidade. É algo transformador".

Projetos e reuniões

As atrações especiais das bienais sob o comando da professora Sheila Maluf ainda trouxeram para Maceió o Maior Livro do Mundo e as gigantes Palavras Cruzadas – um painel de 3 metros de largura por 1,20 metro de altura, com 16 mil células e 3.200 definições. Essa atração foi um desafio coletivo, com as respostas sendo apagadas diariamente para novos visitantes tentarem resolver.

"Todas essas atividades fizeram parte de um grande esforço para tornar a Bienal cada vez mais atrativa, principalmente para as crianças e os adolescentes. O número de visitas das escolas aumentou e precisávamos encantar os estudantes e conduzi-los até os livros, para uma leitura prazerosa e enriquecedora", reforçou Sheila, que, ainda na direção da Edufal, foi responsável por mais duas Bienais: 2009 e 2011.

De acordo com ela, o aumento do tamanho de cada Bienal era proporcional aos desafios para conseguir recursos financeiros. Ao contrário do resto do país, onde as bienais são realizadas por empresas privadas e o público paga ingresso, em Alagoas cerca

de 90% da fonte dos recursos é pública e chega por meio de várias modalidades: emenda parlamentar, leis de incentivo à cultura e recursos dos governos estadual e municipal, etc.

As parcerias e apoios da iniciativa privada são captados por meio de projetos, longas reuniões e negociações. Sheila afirma que com a consolidação, sucesso de público, qualidade e credibilidade da Bienal, esse diálogo tem sido mais fácil e proveitoso para todas as partes.

Muito diferente de décadas atrás, quando poucos acreditavam que Alagoas poderia se tornar referência nacional em promover uma Bienal pública com atrações internacionais e excelentes oportunidades de negócio e visibilidade para as empresas e marcas participantes.

Na 10ª Bienal, por exemplo, a Edufal produziu cerca de 40 projetos de captação de recursos, com média de 70% de respostas positivas. "A Bienal hoje faz parte da cidade de Maceió e sua importância é reconhecida por toda população e não podemos mais regredir. Pelo contrário, precisamos avançar e ampliar a cada edição. O Centro de Convenções de Maceió já é pequeno para o que ela se tornou. É um legado cultural da cidade que me orgulho de fazer parte. A nossa Bienal Internacional do Livro é uma celebração à cultura alagoana".



MAIS INTERAÇÃO

Literatura, tecnologia e resistência social em cena

De transmissões ao vivo nas redes sociais a homenagens à cultura local e debates sobre direitos humanos, a terceira fase das Bienais de Alagoas, 2011 a 2015, reuniu escritores, músicos e artistas de renome

A 6ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas teve um grande portal na entrada do Centro de Convenções em homenagem a Portugal

Roberto Amorim

De olho nas transformações sociais provocadas pelas tecnologias da informação e comunicação do século 21, a 5ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas decidiu que tinha chegado a hora de mergulhar nas possibilidades de expansão do alcance das suas ações por meio das redes sociais digitais.

A missão era clara e tinha três etapas: 1) Dizer ao máximo possível de pessoas as inúmeras atrações literárias, culturais e acadêmicas durante os dez dias do maior evento literário do estado, realizado de 21

a 30 de outubro de 2011, no Centro Cultural e de Exposições de Maceió, em Jaraguá; 2) Facilitar as inscrições nas palestras, seminários e oficinas; e 3) Interagir com o público ouvindo críticas, elogios e sugestões.

Na edição anterior, em 2009, a aproximação entre a Edufal e as redes sociais tinha sido tímida e em caráter experimental pelo *Orkut*. Mas, dois anos depois, o salto foi impressionante. Por uma página específica do *Facebook*, diversas atividades da Bienal foram transmitidas ao vivo para os alagoanos que não puderam comparecer ao evento, assim como

para quem morava fora do estado e se interessou por assuntos debatidos em dezenas de palestras.

No *Twitter* (desde 2023, a plataforma passou a ser chamada de X) eram transmitidas informações sobre os destaques da programação de cada dia, transmissão de vídeo e interação com os internautas, que opinavam sobre a quais oficinas e palestras gostariam de assistir.

A proposta de incluir as redes sociais digitais como mais um elo de interlocução entre a Bienal e seu público foi do então estudante do curso de Relações Públicas da Ufal, Jonas Sutareli, à época, estagiário bolsista da Edufal. De acordo com ele, um dos resultados mais positivos dessa ação tecnológica de comunicação foi a interação com os internautas, que aderiram ao convite da Edufal em participar, também, de forma on-line da Bienal.

Jonas recorda que nos dias 22 e 23 de outubro de 2011, a 5ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas estava entre os assuntos mais comentados do *Twitter* em Alagoas de acordo com o *Trends Map* Maceió, que monitora os temas mais comentados na rede social.

Ana Beatriz lembra como ficou surpresa ao encontrar a Bienal nas redes sociais. Ela morava no município de Estrela Nova, distante 142 quilômetros de Maceió, e não poderia participar presencialmente de todas as atividades que gostaria. Mas com a tecnologia, tudo mudou. "Em 2011, ainda consegui ir à Bienal duas vezes. Mas foi possível acompanhar palestras e oficinas transmitidas ao vivo, estabelecendo um canal direto com o evento. Parabeneizei, fiz algumas críticas e sugestões. Participei ativamente da Bienal via computador. Outra novidade foi a possibilidade de interagir com os palestrantes pelo perfil deles", contou Beatriz, que na época estava se preparando para o vestibular. "Depois fui aprovada na Ufal e vim morar em Maceió, mas continuei assídua nas Bienais, ora presencial, ora on-line".

E não é só. Para o público mais tradicional, ainda não acostumado com as redes sociais digitais, a 5ª Bienal fechou parceria com o Instituto Zumbi dos Palmares (IZP) para levar sua extensa programação através do sistema público de comunicação do estado, responsável pela gestão da TV Educativa, Espaço Cultural Linda Mascarenhas e as rádios Educativa FM e Difusora. A ação também foi inédita e aconteceu graças ao apoio da Secretaria de Estado da Comunicação.

Projeto Book Trailer, na 7ª Bienal, promove mais interação entre crianças e jovens, que podiam ouvir e ver imagens de um romance



Um gráfico crescente

A última Bienal do Livro de Alagoas da gestão de dois mandatos da reitora Ana Dayse (2004 – 2011) registrou números impressionantes que mantiveram a tendência de expansão do evento. Foram contabilizadas cerca de 200 mil pessoas, 500 editoras, 22 mil títulos, 315 lançamentos, 102 palestras, 60 oficinas e 22 mesas-redondas. Além de seminários, simpósios, fórum, performances artísticas, espetáculos e de horas e horas de contação de histórias.

A internacionalização também foi reforçada, com a homenagem à Itália, além da participação do México, Peru, Portugal, França e Colômbia. As editoras universitárias da América Latina e Caribe montaram uma exposição nunca antes vista em solo alagoano.

Na ocasião, o patrono da quinta edição, jornalista, escritor e poeta alagoano Audálio Dantas (1929 – 2018), falou sobre a satisfação em voltar à sua terra natal para ser homenageado e ressaltou que a Bienal faz parte do patrimônio cultural de Alagoas. "O estado tem o dever de apoiar esta iniciativa. O estado que consegue realizar um evento assim tem a obrigação de manter viva esta realização", enfatizou.

A lista de atrações nacionais mesclou nomes que retornaram à Bienal e participações inéditas. De volta a Maceió estiveram José Marques de Melo, Jessier Quirino, Lêdo Ivo e Rubem Alves, convocados pela Edufal atendendo aos pedidos do público alagoano devido ao sucesso das participações anteriores. Os estreantes de sucesso foram o professor Pasquale, Audálio Dantas, Fernando Moraes e Ricardo Kotscho.

A Doutrina dos Espíritos, codificada pelo cientista francês Allan Kardec, também lotou as salas da 5ª Bienal, com suas palestras inéditas em Alagoas. A primeira foi "A Mesa, o Livro e os Espíritos", da professora e antropóloga francesa Marion Aubrée. Já o jornalista André Trigueiro abordou o tema Espiritismo e Ecologia.

"Foi um momento muito especial para ouvir e trocarmos experiências com estudiosos da doutrina espírita. A Bienal de Alagoas sempre esteve na vanguarda em discussões que não encerram apenas no

fazer literatura, mas como ela, a literatura é parte integrante de vários aspectos do ser humano", afirmou Albânia de Jesus.

2013: celebração dos escritores alagoanos

Os 30 anos de vida e o admirável trabalho de resistência da Edufal foram o ponto de partida para a construção da 6ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, realizada de 25 de outubro a 3 de novembro de 2013, no Centro Cultural e de Exposições de Maceió, em Jaraguá. O lugar se transformou na casa oficial do maior evento literário do estado desde a terceira edição, em 2007.

Não à toa, pela primeira vez não houve um único patrono. As homenagens foram para o talento e a pluralidade da literatura produzida em chão alagoano. "Nossos patronos são os escritores alagoanos, vistos em suas singularidades. Será uma oportunidade para reconhecemos a produção local, pois a Bienal tem o intuito de valorizar o trabalho dos autores de Ala-

Cantor Wado foi mediador do bate-papo com Zeca Balero



Mário Sérgio Cortella foi uma das estrelas da 7ª Bienal do Livro de Alagoas e sua palestra teve recorde de público

goas", afirmou a então diretora da Edufal, Stela Lameiras, durante o lançamento da Bienal de 2013.

Na prática, escritoras e escritores alagoanos ocuparam a Praça de Autógrafos, lançaram livros, ministraram oficinas, proferiram palestras e discutiram a riqueza da cultura local em diversas mesas-redondas. Entre os participantes, marcaram presença Arriete Vilela, Susana Souto, Nilton Resende, Simone Cavalcante, Vera Romariz, Cláudia Lins, Luitgarde Barros, Gilda Vilela, José Marques de Melo, Jorge Calheiros, Tainan Costa e Douglas Apratto Tenório, além de diversos outros pesquisadores alagoanos, que lançaram os resultados das suas investigações acadêmicas no formato de livro.

As escritoras Simone Cavalcante e Cláudia Lins, acompanhadas do ilustrador Pedro Lucena, chamaram a atenção do público num bate-papo sobre o processo criativo do livro *7 histórias de amor e encantamento*. O assunto interessou a educadores, autores, ilustradores e leitores, muitos leitores.



O mundo dos contos de fadas, com histórias cheias de aventuras, encantou crianças de várias idades nas oficinas da Bienal

Um deles foi Sérgio Pietro, que, em 2013, começava a dar os primeiros passos como escritor, mas ainda com muita insegurança. Uma Bienal ressaltando a qualidade literária e o talento dos escritores alagoanos o encorajou a continuar no caminho das letras. Hoje, 12 anos depois, ele é professor de literatura brasileira, com especialização nos estudos da poesia e prosa alagoana, e tem dois romances prontos que garante lançar em breve.

Além da conversa com as escritoras Cláudia Lins e Simone Cavalcante, ele destaca a mesa-redonda sobre produções poéticas locais, com Tainan Costa, Arriete Vilela, Fernando Fiúza, Vera Romariz e o sergipano Jeová Santana, que marcaram profundamente suas escolhas profissionais e deram uma injeção de autoestima que não o fizeram desistir. "Já tinha participado de edições anteriores da Bienal, mas a de 2013 deixou cicatrizes positivas que carrego até hoje. Ali, percebi a força dos nossos poetas, romancistas,

críticos literários, pesquisadores. Foi um momento muito delicado da minha vida e a Bienal me mostrou o caminho que deveria seguir", contou Pietro, com orgulho de transmitir aos dois filhos o encantamento da literatura alagoana. "Os livros da nossa terra têm prioridade aqui em casa. Os primeiros livros que meus filhos leram foram de nossos autores".

Graciliano e Lêdo

Como não poderia deixar de ser, numa Bienal do Livro celebrando os escritores literários alagoanos, Graciliano Ramos também foi reverenciado. A obra do romancista, cronista, contista, jornalista e político deu base a um ciclo de palestras com o jornalista e professor Dênis Moraes e Thiago Mio Salla, biógrafo, organizador dos escritos inéditos e autor de diversos livros sobre a influência do contexto social, político e cultural na produção do Velho Graça.

E tem mais. Numa ação inédita e comemorativa aos seus 50 anos de fundação, o Arquivo Público de Alagoas montou um estande com exposição de documentos originais e históricos, entre eles os famosos relatórios de Graciliano Ramos, da época em que foi prefeito do município de Palmeira dos Índios (1927-1930).

Esses documentos, que narram com detalhes as condições da prefeitura e os problemas do município, foram publicados originalmente no Diário Oficial do Estado de Alagoas e têm sido reeditados por diversas editoras, sendo considerados por muitos como um documento único que mescla gestão pública e literatura. O estande ainda ofereceu aos visitantes painéis e exposições de jornais dos tempos do Império brasileiro.

O poeta alagoano Lêdo Ivo também esteve presente na 6ª Bienal por meio do documentário *Imagem peninsular de Lêdo Ivo*, dirigido por Werner Salles. Rodado em Alagoas, Pernambuco e Rio de Janeiro, o filme não ficcional alterna depoimentos críticos e afetivos sobre a vida e a obra do literato com a transposição de alguns de seus poemas para a tela.

Brasileiros e estrangeiros

Para sustentar o título de "Internacional", a Bienal alagoana reforçou os laços lusitanos e fez de Portugal

o país homenageado, inclusive com a presença do então cônsul honorário de Portugal em Maceió, Edgard Barbosa.

Entre as atrações internacionais, estiveram em Alagoas o sociólogo português Boaventura Santos; o poeta, ensaísta e curador de arte Luís Serguilha (nascido português e radicado recifense); Catherine Dumas, atuante política e professora de Língua e Literatura na Universidade da Sorbonne Nouvelle Paris; Rumen Stoyanov, político, engenheiro, físico e economista búlgaro; e Alberto Filipe Araújo, autor e co-autor de numerosos trabalhos, em Portugal e no exterior, dedicados ao tema do Imaginário e Imaginário Educacional.

Na lista de escritores e pensadores brasileiros com obras de alcance nacional, que passam pela Bienal de 2013, estão nomes como Affonso Romano de Sant'Anna, Jessier Quirino, Emir Sader, Maitê Proença, Laura Müller, Bia Bedran e Paula Pimenta.

Já Frei Betto, ampliou o sucesso de público da participação na 1ª Bienal do Livro e da Arte de Alagoas, em 1998. Quinze anos depois, ele voltou a Maceió e lotou os 1.251 lugares do Teatro Gustavo Leite, onde falou sobre os grandes conflitos de valores da sociedade pós-moderna que afetam diretamente a família, a escola, o Estado e a Igreja.

Mesa-redonda em homenagem a José Marques de Melo (centro), conduzida pelos professores Luitgarde Barros e Douglas Apratto



Em Maceió, afirmou, mais uma vez, sua crença na espiritualidade como caminho para o equilíbrio e uma existência feliz num mundo tão conturbado: "Eu não estou falando de religião, estou falando de princípios subjetivos, de ética, de respeito. A família precisa desligar um pouco a TV, desligar um pouco a internet e se ligar mais, interagir mais".

No cenário brasileiro, a Bienal também apostou na pluralidade de manifestações artísticas como a música e a televisão. Dois músicos vieram compartilhar suas impressões e emoções da trajetória artística em confronto com os desafios da realidade social.

O cantor Humberto Gessinger, fundador da banda Engenheiros do Hawaii, também fez uma concorrida sessão de autógrafos (mais de 200 pessoas) no lançamento do seu segundo livro de crônicas, *Seis segundos de atenção*. Em seus textos, o cantor, compositor e artista fala sobre o tempo e o processo de criação. "Um tempo que, às vezes, não se quer ter. Um tempo que não se pode controlar. Não é tão fácil quanto parece encontrar um instante mágico, o centro da originalidade, do talento, e manter a conexão com ele".

Uma pracinha com a réplica do Farol de Maceió compôs o cenário da 7ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas

Dois dias depois, foi a vez do também músico Tico Santa Cruz, líder da banda Detonautas, chegar à Bienal de Alagoas trazendo na bagagem o livro *Te-são*. Com direito a autógrafo e bate-papo com o público, ele explicou que o grande segredo dos textos é deixar que os leitores tentem descobrir quais das situações reveladas realmente aconteceram, quais foram as suas fantasias e quais ele deseja que se realizem.

Já a jornalista Lêda Nagle veio comemorar os 40 anos de carreira com o lançamento do livro *Com Certeza: Leda Nagle*, melhores momentos. A obra reúne conversas com personalidades como Carlos Drummond de Andrade e Maria Bethânia, feitas no programa *Sem Censura*, da TV Brasil, que apresentou durante 20 anos, de 1996 a 2016.

Em Maceió, ela elogiou a persistência da Edufal em realizar uma Bienal pública e gratuita. "Estou encantada com o fato de uma universidade federal promover a Bienal em Alagoas. Acho que o caminho é esse. Eu tenho o maior carinho pelas iniciativas da academia".

Com o tema "Descobrir nas palavras a magia dos sentidos", em dez dias, a 6ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas contabilizou 260 mil visitantes – entre eles 80 mil alunos –, 146 estandes, 22 mil títulos e 45 oficinas. A ambientação do Centro Cultural e de Exposições foi assinada pelos arquitetos Lúcio Moura e Luciano Brandão, que criaram o projeto a partir do intrínseco diálogo da cultura brasileira com a portuguesa.

2015: vozes negras da resistência

No ano em que Maceió completou 200 anos, a 7ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas aproveitou a data comemorativa para lembrar que a cidade foi forjada, também, a partir da força e da cultura dos povos escravizados vindos de diferentes partes do continente africano.

Não à toa, o início do maior evento literário do estado começou em 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, em homenagem à morte de Zumbi, líder do Quilombo de Palmares, um símbolo de resistência contra a escravidão. A data foi instituída pela Lei nº 12.519/2011, para que a sociedade brasileira reflita sobre a luta e a resistência da população negra contra o racismo e a desigualdade.

No palco do Teatro Gustavo Leite, no Centro Cultural de Exposições de Maceió, a atriz, cantora, poetisa e escritora Elisa Lucinda reverenciou a terra das alagoas, berço de uma das mais importantes lutas contra a escravidão e afirmou a importância de utilizar as linguagens artísticas como forma de resistência e combate ao racismo e à profunda desigualdade social que marca a sociedade brasileira.

"Através do canto, da literatura, do teatro e da teledramaturgia reafirmo minha militância pela não apenas pela causa negra, mas sim da causa humana; contra todas as formas de opressão, incluindo o consumismo como forma de 'cárcere privado'", afirmou para uma plateia que teve o privilégio de vê-la ler trechos dos seus livros, conversar sobre problemas sociais e cantar, cantar muito.

As falas de resistência da Bienal de 2017 também encontrou eco na realização, em Maceió, da 3ª edição

do Fórum Mestre Zumba: pensamentos afro-ameríndios, que colocaram em debate a Lei 11.645/2008, que, entre outras coisas, estabeleceu a obrigatoriedade do estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena em estabelecimentos de ensino fundamental e médio.

A crítica cantada

Em 2014 o rapper Gabriel o Pensador foi ver o jogo do Fluminense no Maracanã e levou uma faixa com a mensagem "Morte ao Racismo". A atitude fez parte da trajetória artística de luta contra o racismo estrutural e as drásticas consequências da desigualdade social no Brasil. A vinda à Bienal de Alagoas, garantiu ele, foi uma excelente oportunidade para ampliar o alcance da sua mensagem antirracista.

"Minha carreira nasce como forma de oposição e desconstrução ativa do racismo e suas formas de opressão, indo além de não ser racista, mas adotar posturas e ações políticas e pedagógicas para combatê-lo", afirmou o cantor, compositor e escritor.

Ele é autor dos livros infantis *Um Garoto Chamado Rorberto*, *Bagunça*, *Gualín*, e *Meu Pequeno Rubro-Negro*. Há também *Nada D+*, uma coautoria com Laura Malin, e a obra autobiográfica *Diário Noturno*, que também pode ser considerada relevante para crianças e adolescentes.

"Eu sempre quis afetar, de alguma forma, a vida das pessoas e a música hoje me ajuda nisso. Desde cedo, pretendia mudar o mundo. E a gente também pode fazer isso disseminando gentileza, respeito e amizade em casa, no trabalho e onde for mais", disse para a plateia alagoana, formada por adultos e muitas crianças e adolescentes. "Desde muito cedo senti a necessidade de expressar minhas ideias pela escrita, de uma forma geral, e pela rima, particularmente".

Espontâneo e à vontade, Gabriel o Pensador conversou, chamou crianças da plateia para contar a história do personagem do seu livro *Um Garoto Chamado Rorberto*, recebeu cartinhas dos fãs, uma caricatura sua e poemas, que tratou de declamar ali mesmo. E ainda dividiu o palco com o rapper alagoano Vitor Pirralho, já conhecido do público alagoano por suas letras contundentes de crítica social.

Portais de poesias

Com o tema "Palavras, sons e imagens: Universos de Sentidos", o evento aconteceu de 20 a 29 de novembro de 2015, no Centro Cultural e de Exposições de Maceió, em Jaraguá, com recorde de público: 300 mil pessoas em dez dias. Cerca de 900 escolas levaram seus alunos para ter acesso a mais de 30 mil títulos, espalhados em 143 estandes de livrarias e editoras de várias partes do Brasil e de outros países como Peru e México. Só a Edufal lançou 60 novas obras, no espaço Cantinho das Ideias.

Nos relatórios foram registradas, ainda, aproximadamente com atividades entre palestras, mesas-redondas, seminários, fóruns, contações de histórias e apresentações culturais. Na lista de atrações nacionais, figuraram nomes como Mário Sérgio Cortella, Eliana Kefalás, Michel Agier (França), Raul Calane e Silvestre Sechene (Moçambique). Especialmente para o público infantil, Paula Pimenta, Bruna Vieira, Clarice Freire e Pedro Gabriel,

Desta vez, a ambientação do maior evento literário de Alagoas foi concebida pela dupla Inês Amorim (arquiteta) e Agélio Novaes (artista plástico e cenografista). Suas criações convidaram a interação do público através de reconstrução de cenas históricas da cidade e portais de poesia, em celebração aos 200 anos de Maceió.

Outro momento marcante foi a apresentação da Orquestra Sinfônica da Universidade Federal de Alagoas (OSU), num concerto no Teatro Gustavo Leite, sob a regência do maestro Nilton Souza.

O público infantil, mais uma vez, recebeu atenção especial. Nessa edição, o Sesc concentrou sua programação na sala Ipioca, com capacidade para 500 lugares, além de ter participado e apoiado diversas outras atividades, incluindo ações na Unidade Móvel BiblioSesc. Entre as atrações, a exposição "Papel no Varal", do Instituto Lumeeiro; a performance literária "Memórias de Graça", com Cosme Rogério, Arnaud Borges e direção de Julien Costa. Todos os dias da Bienal, das 10h às 13h, aconteciam exibições da mostra de cinema de curtas-metragens com tema infanto-juvenil.



Casal de cordelistas assume as personagens Querindina e Macambira e chama a atenção do público com performance teatral nos corredores da 7ª Bienal

As histórias visuais e a explosão de formas e cores de **Mirna Porto**

Assinatura da arquiteta no projeto de ambientação de várias edições da Bienal do Livro de Alagoas reforçou a vocação do evento literário como espaço de sinergia de linguagens e descobertas artísticas

Roberto Amorim

A fórmula é simples, mas o resultado criativo é explosivo para a Bienal Internacional do Livro de Alagoas, edição 2025. Os elementos são: 1) a inquietude do diretor da Edufal, professor Eraldo Ferraz; 2) os países de língua portuguesa do continente africano como tema; 3) a inventividade da arquiteta Mirna Porto e sua comprovada expertise em ambientar grandes espaços.

A explosão de formas e cores está garantida e deve atingir aproximadamente 500 mil pessoas (público esperado) durante os dez dias do maior evento literário em chão alagoano, que começa no próximo dia 31 de outubro e termina em 9 de novembro deste ano.

A experiente arquiteta garante que não irá faltar "pólvora" para atrair os curiosos olhares dos visitantes. É bom não duvidar. Em 2023, durante a décima edição da Bienal, sua criação Terra, a Grande Maloca provocou congestionamento e, em diversos dias e horários, o acesso precisou ser interrompido para evitar tumultos.

Inspirada nas habitações indígenas da região amazônica, a estrutura de quatro metros de altura e seis de diâmetro foi revestida de dois mil exemplares da *Revista Graciliano*. Dentro, hastes de ferro em alusão aos meridianos e o piso todo espelhado deram profundidade e amplitude à experiência. O intuito foi fazer o público mergulhar em um verdadeiro globo.

Mirna conta que a proposta foi surpreender, encantar. Fazer uma grande brincadeira, mas uma brin-

cadeira séria. "A ideia foi que o público, do lado de fora, identificasse um iglu, uma maloca – que pode ser indígena ou africana. Mas, ao entrar, o visitante estava dentro da Terra, para lembrar que a sua casa é este planeta", explicou.

As atenções da Terra, a Grande Maloca foram divididas com outra estrutura, a hipnotizante Árvore de Cordel. Em formato de amendoeira, ela foi adornada com quatro mil capas de cordel, criando um espaço instagramável e acolhedor, com iluminação especial e pufes em formato de canoa.

A literatura de cordel, gênero popular da região Nordeste, teve grande destaque no evento, com a presença de cordelistas e lançamentos de livros. A árvore, além de sua beleza, representou um convite à leitura e à valorização da cultura nordestina.

Os folhetos de cordel, ou simplesmente cordel, são pequenas brochuras que contêm poemas populares, geralmente impressos em papel jornal e com dimensões de 11cm x 16cm. Essa forma de literatura é conhecida por sua narrativa em versos rimados e métricos, muitas vezes acompanhada de xilogravuras. A tradição do cordel, trazida ao Brasil pelos portugueses no século 18, se tornou uma manifestação cultural popular, especialmente na região Nordeste.

Força da ancestralidade negra

Se a maloca de revista e a árvore de cordel foram incursões pontuais de Mirna Porto na Bienal do Livro de 2023, em 2025 ela está de volta como a responsável pela ambientação do pedaço literário mais importante



de Alagoas. É a primeira vez que assume todas as linhas e formas da arquitetura, desde a planta baixa até os detalhes do projeto. Suas inovações criativas se assentam na força da ancestralidade negra do continente africano, em constante diálogo com a construção da identidade cultural do povo brasileiro.

A resistência religiosa e cultural indígena e africana faz parte da linha de trabalho dela. Mirna Porto participa do time criativo do Boi Garantido, do Festival de Parintins, no Amazonas, e já assinou projetos no Parque Memorial Quilombo dos Palmares, na Serra da Barriga, no município de União dos Palmares.

"Desde que recebi o convite e soube que o tema seria o diálogo cultural entre Brasil e África, a cabeça explodiu de ideias e possibilidades. Mas nada é aleatório: por trás da execução de cada criação existem horas e horas de pesquisas e experimentações. Assim como os livros, os elementos da ambientação da Bienal também precisam contar histórias", afirmou a arquiteta, idealizadora do cenário de várias edições da Artnor – a maior e mais famosa feira de artesanato e cultura popular de Alagoas, com alcance nacional.

Ela já tomou algumas providências. Os corredores da Bienal 2025 serão maiores e espaçosos para facilitar o fluxo com a verticalização dos estandes;

serão ao menos duas praças temáticas; e, no segundo piso, um grande Quilombo vai acolher pais, crianças e adolescente para momentos de descanso, conversas e brincadeiras.

O espaço, pensado pelo Sesc e idealizado por Mirna, é pouso de parada para crianças e adolescentes renovarem as energias e continuarem a imersão na grandiosidade de possibilidades da Bienal. A ideia dos organizadores das bienais em várias partes do Brasil, e já consolidada em diversos países, é oferecer muito além da simples compra e venda de livros. É reafirmar a Bienal como, também, espaço de convivência, troca de experiências, lazer, cultura e diversão.

"Queremos que o público seja acolhido pelo ambiente e aproveite tudo o que está sendo ofertado. Não é apenas uma feira de livros, mas, principalmente, um lugar de conversas e de descobertas, que deve ser aproveitado com calma e de forma prazerosa", reforçou Mirna, com a expressão inquieta de quem está com a cabeça fervilhando de ideias.

Além da força do Quilombo, outros elementos irão convidar o público a mergulhar no cotidiano sagrado dos povos africanos. O grande salão no térreo do Centro Cultural e de Exposições de Maceió vai abrigar representações de baobá. É uma árvore símbolo de força, sabedoria e resistência em muitas culturas africanas. É vista como um ponto de conexão com o mundo espiritual e ancestral, especialmente em culturas afro-brasileiras.

Existem baobás adultos com mais mil anos e podem atingir 25 metros de altura e troncos com grandes diâmetros. Resistentes a secas, armazenam água em seus troncos espessos. São utilizados para fins alimentícios, medicinais e em rituais religiosos, além de serem fonte de abrigo para animais. Os baobás foram trazidos para o Brasil por africanos escravizados e são encontrados em diversos estados como Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Alagoas, Ceará, Mato Grosso e Goiás.

As pessoas serão convidadas a atravessar o baobá, passando por um mar revolto e céu estrelado para alcançar a liberdade do quilombo. A intenção é que o público sinta a escuridão da noite num mar que, durante aproximadamente 350 anos, foi cortado pela maldade humana materializada pelo tráfico transatlântico de escravizados africanos. O Brasil foi uma das rotas mais duradouras e movimentadas desse período.

Simbologia dos valores de um povo

As grandes árvores do baobá na Bienal serão protegidas pela simbologia milenar dos Adinkra. São expressões gráficas originárias da cultura Ashanti, em Gana, África Ocidental, que representam conceitos, provérbios e aforismos. São utilizados em tecidos, cerâmica, arquitetura e outros objetos, e carregam

Terra, a grande Maloca, revestida por 2 mil revistas *Graciliano*, assinada pela arquiteta Mirna Porto, foi a grande atração da 10ª Bienal



significados profundos sobre história, filosofia e valores do povo Ashanti e da cultura africana em geral.

Os Adinkra ajudam a manter viva a cultura africana e a identidade do povo Akan. Os símbolos foram levados por todo o mundo pela diáspora africana, chegando a diversos países, incluindo o Brasil, e podem ser encontrados em diversos aspectos da cultura, como moda, artes plásticas e eventos culturais.

Os símbolos Adinkra são mais do que meros desenhos; são representações de um legado cultural rico e cheio de significado. Um dos mais conhecidos é a Sankofa, que, também, vai ganhar destaque na Bienal. Mirna e sua equipe trabalham na reprodução em grandes dimensões do pássaro com a cabeça voltada para trás, simbolizando o ato de olhar para o passado em busca de sabedoria e conhecimento para avançar.

De acordo com estudiosos da cultura africana, o conceito de Sankofa transcende a mera lembrança do passado, enfatizando a necessidade de aprender com as experiências passadas, sejam elas positivas ou negativas, para evitar repetir erros e construir um futuro melhor. No contexto afro-brasileiro, o Sankofa é frequentemente usado como um símbolo de resistência e afirmação da identidade africana e afro-descendente, lembrando a história e as lutas do povo negro.

"Queremos que os alagoanos vejam e sintam a grandiosidade e a complexidade cultural da cultura africana por meio de seus símbolos universais, como o baobá, os Adinkra e a Sankofa. Todo o nosso projeto é pensado para que o visitante seja impactado por essa força cultural num primeiro momento para, depois, aprofundar suas pesquisas e perceber que também fazemos parte dessa cultura", disse Mirna, que também trouxe referências da Revolução dos Cravos, em Portugal, para a Bienal alagoana deste ano.

O movimento revolucionário de 1974 contra o regime ditatorial fascista liderado por António de Oliveira Salazar abriu caminho para o processo de descolonização de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, ainda colônias portuguesas em pleno século 20.

"Iremos fazer um grande jardim de cravos ver-

melhos de diversos tamanhos na praça da alimentação, com grandes caules verdes e imagens em preto e branco que remetem às cenas da Revolução dos Cravos, onde mulheres corajosas colocavam flores nos canos das armas do exército opressor", adiantou a arquiteta, que também quer espalhar nas mesas a letra da música *Tanto Mar*, de Chico Buarque, que faz referência a esse movimento popular que derrubou uma ditadura e restaurou o regime democrático.

Outra estratégia didática do projeto de ambientação da Bienal 2025 é explicar o significado de cada elemento utilizando a leitura do QR Code de maneira simples através da câmera dos *smartphones*.

A relação de Mirna Porto com as bienais do livro começa na década de 1980 quando visitou o evento literário realizado em São Paulo. Lá, ficou impressionada com as possibilidades de interação entre o público, os livros e a ambientação do grande Pavilhão do Parque Ibirapuera. Em 2011 foi a vez dela fazer parte da construção visual da 5ª Bienal do Livro de Alagoas, que teve como patrono o jornalista alagoano Audálio Dantas e tema "O livro é uma viagem".

A partir desses dois elementos (patrono e tema), jornais e revistas foram reciclados e transformados em centenas de grandes buquês de flores e folhas cobrindo a estrutura dos pórticos das entradas. O teto recebeu cobertura de dezenas de metros de tecido voil nas cores branca, vermelha e amarela, além da montagem de ilhas com puffes vermelhos no entorno de um tronco de árvore seca.

"Sempre gostei de trabalhar com matéria-prima reciclável, transformando o que parecia inútil em algo cheio de novas possibilidades. Aplicamos essa fórmula na minha primeira Bienal e o resultado foi surpreendente, mesmo com o pouco tempo que tivemos para deixar tudo pronto", contou Mirna, que um ano antes tinha sido responsável pela edição mais grandiosa da Artnor, com direito a coqueiros, casa de taipa e até roda-gigante.

Assim como nas edições passadas, quando surpreendeu com o projeto das praças temáticas, Mirna segue incendiando a Bienal com sua criatividade. Para 2025, promete não faltar imaginação — nem pólvora inventiva.



11ª BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE ALAGOAS 2025

BRASIL E ÁFRICA
ligados culturalmente
nos seus ritos e raízes

31.OUT a 9.NOV
Centro de Convenções
Ruth Cardoso | Maceió-AL

@bialdealagoas
bienal.ufal.br



PATROCÍNIO CULTURAL: 

PATROCÍNIO: 

CORREALIZAÇÃO: 

REALIZAÇÃO:   



CONQUISTA HISTÓRICA

Livros, falas e vidas: a **força motriz** da Bienal alagoana

De 2017 a 2023, o maior evento literário do estado emocionou estudantes, ocupou ruas e prédios históricos, celebrou a identidade alagoana e, após a pandemia, bateu recordes de público, vendas e impacto cultural

Roberto Amorim

A té os oito anos de idade, José Felipe Andrade nunca tinha entrado numa sala de cinema, na plateia de um teatro, numa sala de exposições, numa livraria. Morador do bairro Levada, próximo ao Mercado da Produção, em Maceió, e estudante de escola pública, a família sobrevivia do trabalho informal do pai, servente de pedreiro. O sonho dele era ajudar no sustento da casa.

Mas em 2017 tudo mudou. Ele recebeu um vale-compra de R\$ 15 reais da Prefeitura de Maceió e, junto à turma da escola, foi investir o dinheiro na 8ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas. Voltou para casa com a certeza de que a leitura e os estudos poderiam levá-lo aonde quisesse.

Hoje, aos 17 anos, e morando na região metropolitana de Recife, Felipe está no primeiro ano do curso de Odontologia da Universidade Federal de

Pernambuco (UFPE). "Fico emocionado ao lembrar do impacto que senti quando entrei no salão principal da Bienal e me deparei com um universo que nunca imaginei existir. Minha vida mudou a partir daquele dia. Se não fosse a Bienal, talvez estivesse ajudando meu pai a carregar cimento e tijolos".

Assim como ele, aproximadamente sete mil estudantes da rede municipal de educação de Maceió receberam o vale-livro, uma das marcas da edição de 2017 do maior evento literário em chão alagoano, que aconteceu de 29 de setembro a 8 de outubro, no Centro Cultural e de Exposições, bairro de Jaraguá.

"A literatura e o livro são envolventes. O ato da leitura nunca é passivo, sempre é ativo e pode nos libertar. Em tempo de incertezas políticas e retirada de direitos, a Bienal é uma demonstração de força de todos que fazem a comunidade universitária", ressaltou a então reitora da Ufal, Valéria Correia, durante a abertura do evento.

A 8ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas também foi marcada pelas celebrações dos 200 anos da emancipação política de Alagoas. O bicentenário serviu de eixo-motriz para uma série de atividades, como lançamentos de livros e mesas-redondas sobre questões políticas, sociais, econômicas e culturais do estado, além de apresentações artísticas inspiradas nos dois séculos da separação de Alagoas da capitania de Pernambuco.

Em seu discurso de abertura da extensa programação da oitava Bienal, o diretor da Edufal, Osvaldo Maciel, enfatizou o protagonismo da produção científica e artística alagoana, como o debate sobre a conjuntura e o cenário político-social do Estado. Nesse sentido, foram realizados seminários para se pensar os rumos da educação, das políticas públicas, da formação histórica e cultural de Alagoas, inclusive homenageando três intelectuais da terra: Élcio Verçosa, Luiz Sávio de Almeida e Dirceu Lindoso.

Monja Coen reuniu centenas de pessoas no entorno da Associação Comercial, em Jaraguá, bairro que abrigou a 9ª Bienal de Alagoas



Cantor e compositor Martinho da Vila também lançou livro na 8ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, em 2017

Contabilidade e vivências

O saldo da 8ª Bienal foi positivo diante da complexidade da conjuntura política, social e econômica vivida pelo país em 2017. O Brasil enfrentava uma crise política profunda, com o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, em 2016, e o governo de Michel Temer buscando implementar medidas de ajuste e reformas em um contexto de forte polarização política.

Mesmo diante desse cenário desafiador, em dez dias de funcionamento, a oitava Bienal conseguiu ofertar, gratuitamente, aos alagoanos e turistas, 80 atividades entre oficinas, palestras e bate-papos com convidados especialistas de diversas áreas do conhecimento; mais de 70 apresentações culturais e cerca de 100 lançamentos de livros. Só o selo da Edufal entregou ao público 77 novas obras.

A organização estimou que mais de 200 mil pessoas passaram pelos 133 estandes. As escolas públicas e privadas enviaram aproximadamente 50 mil estudantes em mais de 600 visitas agendadas. Para dar conta da empreitada artístico-literária, foram en-

volvidos 100 profissionais só da Ufal, com geração de 400 empregos diretos e indiretos. As vendas ultrapassaram os 50 mil exemplares.

Por trás de tantos números, a Bienal contabilizou centenas de experiências emocionantes de descobertas e encontros com a arte e a cultura produzidas em Alagoas. Como a dos cinco socioeducandos com idades entre 15 e 18 anos que tiveram a oportunidade de assistir a apresentações musicais, performances teatrais e entrar em contato com o universo da literatura.

"Foi uma experiência muito boa e quero repetir outras vezes", disse o adolescente J.L., de 16 anos, que, pela primeira vez, se deparou com milhares de livros, assistiu a espetáculo teatral e entrou num teatro.

A pedagoga Tayse Roque afirmou que o contato com o livro desperta o interesse pela leitura e faz com que "eles viagem num mundo de conhecimento, além de afastá-los do mundo da violência e de ambientes vulneráveis".

Escritores, rádio e designer

Dezenas de pensadores, autores, pesquisadores e visitantes expuseram suas reflexões e impressões na 8ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas. Esses dizeres tiveram o alcance amplificado com a inovação da implantação da Rádio Web Bienal, iniciativa pioneira e experimental da Assessoria de Comunicação (As-com) da Ufal, sob o comando das professoras do curso de Jornalismo, Mércia Pimentel e Lídia Ramires.

A iniciativa deu tão certo, que a Rádio Web Ufal foi institucionalizada no ano seguinte, em julho de 2018, durante a 70ª reunião anual da Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência (SBPC).

Fez parte da programação da Rádio Bienal o registro (gravado e ao vivo) de várias sessões de autógrafos e bate-papo com autores alagoanos e de outras partes do Brasil, como o poeta Jessier Quirino, a escritora de ficção juvenil Pepper, o romancista Ricardo Lísias, o cordelista Bráulio Bessa, a filósofa Márcia Tiburi e o ator, humorista, roteirista e escritor carioca Gregório Duvivier.

“Nos dias e horários que não pude ir à Bienal, ficava trabalhando e ouvindo o que estava acontecendo através da rádio web. Várias palestras que não pude comparecer, depois ouvia a entrevista com os autores e conferencistas. Foi uma inovação muito importante daquela Bienal”, lembrou Cecília Arruda, que, em 2017, cursava Literatura na Ufal e, hoje, é declarada uma das maiores fãs das bienais. “Enquanto professora, leitora e mãe, nem consigo imaginar Alagoas sem Bienal do Livro. É impossível mensurar o impacto e as transformações de vida que o evento causa em crianças, adolescentes e adultos”.

Além da Rádio Bienal, professores e estudantes da própria Ufal foram responsáveis pelo projeto de ambientação construído no Centro de Cultural e de Exposições Ruth Cardoso, conhecido como Centro de Convenções, no bairro de Jaraguá. O desafio proposto foi, a partir do Bicentenário da Emancipação Política de Alagoas, criar ambientes surpreendentes e fluidos para a mobilidade confortável para 25 mil visitantes por dia.



Rua Sá e Albuquerque, em Jaraguá, foi o grande cenário da 9ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, por onde passaram milhares de pessoas durante dez dias

Renner Boldrino

A resposta veio do Grupo de Extensão Lumina-turas, que integra o Programa Proinart da Ufal, representado pelos arquitetos Eduardo Quintella e Ivvy Quintella. O projeto foi conectado com o tema e o *slogan* do evento, utilizou as vivas cores da bandeira de Alagoas e também foi inspirado no rico acervo cultural do estado. Participam do grupo nove alunos das graduações em engenharias, arquitetura e design.

Um dos grandes destaques foi um grande painel iluminado representando um chapéu de guerreiro ao fundo. Nessa praça de acolhimento, localizada na área principal do Centro de Convenções, o público se aglomerou diariamente para conseguir fotos e registrar sua ida ao local.

2019: ocupação dos centenários prédios de Jaraguá

Depois de 21 anos, a 9ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas quebra o protocolo. O maior evento literário do estado se liberta dos espaços fechados das edições anteriores e ocupa diversos prédios centenários da histórica Rua Sá e Albuquerque, em Jaraguá.

O bairro teve papel crucial no desenvolvimento de Maceió, atuando como ponto de partida para a transformação da vila em capital da província de Alagoas. O crescimento de Jaraguá, impulsionado pelo

porto, atraiu comércio e atividades econômicas, levando ao aumento da população e, consequentemente, à mudança da capital de Alagoas para Maceió.

“A 9ª edição nos chama a mergulhar na história de Alagoas, nos prédios históricos de Maceió, unindo história, cultura e arte no belo e tradicional bairro de Jaraguá”, afirmou a então reitora da Ufal, Valéria Correia, na noite de 1º de novembro de 2019, em seu discurso de abertura proferido nas escadarias do elegante prédio da Associação Comercial de Maceió.

Enfática, ela ressaltou que a Bienal homenageava o país africano Moçambique, as vítimas da ditadura militar; e as mulheres “que fazem a história deste estado a partir de suas lutas por melhores condições



Renner Boldrino

Manuela d'Ávila lançou *Por que Lutamos?* Um livro sobre amor e liberdade e falou para centenas de pessoas em frente à Associação Comercial

de vida e do trabalho, no campo e na cidade. Estas homenagens imprimem sentidos especiais à 9ª edição da Bienal Internacional do Livro de Alagoas”.

O tema escolhido para nortear os dez dias de programação foi Livro Aberto: Leitura, Liberdade e Autonomia. A diretora da Edufal, Elvira Barreto, evidenciou que a ideia da Bienal gira em torno da história de Alagoas, que precisa, cada vez mais, ser contada em um livro aberto. “Será em formato inovador, marcando a maioria deste grande evento no coração da história da capital alagoana”, disse à época.

Após as falas de abertura, as apresentações artísticas que se seguiram deram o tom de como seria diferenciada e mágica a 9ª Bienal. O público diante do majestoso prédio da Associação Comercial, de Maceió, ficou encantado com o surgimento de uma medusa fazendo malabarismo com fogo, a emburrada beata Dorotéia andando apressada e personagens da literatura infantil como Peter Pan, a Bela, a Fera

e Sininho correndo, animados, pelas históricas escadarias.

E não é só. Ao romper as paredes e respirar o ar livre numa noite estrelada, a contagiante percussão do Maracatu Afrocaeté arrastou o público pela lendária Rua Sá e Albuquerque até a entrada do Espaço Armazém, que abrigou a feira de livros para o corte da fita inaugural.

“Eu nunca tinha visto nada igual em Maceió. Foi o casamento perfeito entre literatura, arquitetura e o povo redescobrimo a potencialidade de Jaraguá, que, infelizmente, voltou a ficar abandonado. Em 2019, a Bienal mostrou que a força do poder público pode mudar a realidade de um espaço e o devolver à sociedade como equipamento de lazer e cultura”, disse a enfermeira Dolores Andrade, enquanto mostrava uma série de fotografias realizadas durante os vários dias que participou das atividades propostas pela Bienal.

Circuito secular

Não existe a menor dúvida que a 9ª Bienal conseguiu aproveitar cada pedaço de chão e paredes da Rua Sá e Albuquerque, numa clara referência a eventos literários como a Feira Literária Internacional de Paraty (Flip), um evento de grande porte realizado anualmente em Paraty, Rio de Janeiro.

Assim como a Flip, a Bienal de Alagoas em Jaraguá aconteceu em um contexto histórico e arquitetônico único, com casarões e rua de pedra, o que conferiu um charme especial ao evento, realizado durante os dez primeiros dias do mês de novembro de 2019.

Quatorze espaços formaram um circuito de feira de livros, com lançamentos e sessão de autógrafos, oficinas diversas, palestras, rodas de conversas, espetáculos de música, dança, teatro e muitas outras expressões artísticas contemporâneas. Era comum, também, encontrar personagens da literatura infantil, como princesas, fadas e o temido Capitão Gancho interagindo com crianças, jovens e adultos durante o deslocamento entre um prédio e outro.

O grande Espaço Armazém, cravado no centro da Rua Sá e Albuquerque foi o coração da Bienal, onde foram montadas dezenas de estandes de edi-

toras e livrarias de todo Brasil, além de espaços temáticos específicos para atividades literárias e artísticas.

O Palácio do Comércio (do século 19), onde funciona a Associação Comercial de Maceió, disponibilizou a grandeza do seu espaço para as atividades acadêmicas, artísticas e culturais de instituições como a Academia Alagoana de Letras, a Fundação Palmares e a Pinacoteca Universitária, além de abrigar o gabinete da Reitoria da Ufal, que funcionou no histórico prédio durante os dez dias do evento.

O antigo armazém de açúcar onde funciona o Arquivo Público de Alagoas abrigou discussões e lançamento de obras acadêmicas científicas e contação de histórias. O prédio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) abriu suas portas para visita ao impressionante acervo da instituição, além de acolher a extensa programação do Sesc e uma exposição da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Ufal.

O Museu da Imagem e do Som de Alagoas (Misa) ofertou suas coleções para visita durante o horário da Bienal, além do salão principal ter sido palco de lançamentos de livros e palestras sobre a produção do audiovisual no estado. Destaque também para a Igreja Nossa Senhora Mãe do Povo, onde aconteceram apresentações de orquestras, corais e camera-

Cineasta alagoano Cacá Diegues (centro) foi o patrono da 10ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas



Mitchel Leonardo



Pesquisadora e escritora Carla Akotirene participou da 10ª Bienal, esbanjou simpatia e foi firme ao defender a luta antirracista

tas. Na praça em frente, a Dois Leões, foi montado palco para shows musicais, feira de artesanato, espaço de convivência e praça de alimentação.

A circulação ainda incluiu outros espaços abertos como a Praça Os 18 de Copacabana, com a sua réplica da Estátua da Liberdade; o Beco da Rapariga e o extenso estacionamento da Prefeitura de Maceió, onde foi montado o Pavilhão das Oficinas.

Ontem, hoje e amanhã

“Era uma loucura muito boa. A gente não sabia para onde ir diante de tantos espaços e programação maravilhosa. Eu e minha turma de amigos fomos todos os dias dessa Bienal para aproveitar tantas atrações em lugares diferentes”, lembrou Josué dos Santos Silva, que na época cursava o ensino médio.

A inseparável amiga dele, Vera Lúcia, conta do impacto das descobertas arquitetônicas dos prédios históricos do bairro de Jaraguá que se transformaram em palco da primeira e única Bienal realizada em diversos espaços simultaneamente. “Às vezes passava por Jaraguá, mas nunca tinha parado para ver a beleza da nossa história. Depois da Bienal voltei lá muitas vezes para conhecer mais de perto onde Maceió co-

meçou a ser construída. Essa Bienal mudou a minha percepção da cidade”, disse a agora estudante do curso de História da Ufal. “Talvez essa experiência tenha me influenciado pela escolha da profissão que quero seguir”.

A dupla de amigos não exagerou. Foram mais de 100 atrações de gente talentosa de Alagoas e do Brasil, em diversas áreas do conhecimento científico, literário, artístico e filosófico, como a Monja Coen. Jaraguá também recebeu o ator Erom Cordeiro, com consistente carreira em novelas e filmes; os jornalistas Gustavo Lacombe e Manuela D’avila; as escritoras Jarid Arraes e Amara Moira; e o vencedor do Prêmio Jabuti José Roberto Torero.

As atrações alagoanas foram selecionadas por meio de Chamada Pública e contaram com a participação de pesquisadoras, atrizes e atores, escritores e escritoras como Edilma Acioli Bonfim, Enaura Quixabeira, Benedito Ramos, Alberto Rostand Lanverly, atual presidente da Academia Alagoana de Letras.

A 9ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas também será lembrada pelo esforço da organização para minimizar os efeitos poluentes com atitudes simples e eficazes. As sacolas plásticas foram trocadas

por sacolas de papel e eco *bags*. Nas praças de alimentação, pratos, copos, canudos e embalagens só de papel. Os crachás, cartões e selos foram confeccionados com papel semente. E tem mais. A mobília das praças de alimentação teve como base pallets e pinos que foram reutilizados nos *campi* da Ufal.

2023: a Bienal que bateu todos os recordes

Em 2020, a pandemia da covid-19 deixou um rastro de destruição de cerca de milhões de vidas perdidas pelo vírus, além da devastação de empresas e empregos. As áreas de saúde e cultura ainda trabalham para recuperação das sequelas.

Mas a pandemia também reforçou a fé e o trabalho árduo para transformar dor em esperança. É neste contexto que, em agosto de 2023, ressurgiu a edição de número 10 da Bienal Internacional do Livro de Alagoas. Estava prevista para 2021, mas a sequência de dois anos foi quebrada até sair o consentimento das autoridades sanitárias para a realização de eventos com milhares de participantes.

A simbiose entre a Bienal e o público retornou ainda mais forte. Foram mais de 412 mil visitantes durante os dez dias de robusta programação no Centro Cultural e de Exposições de Maceió, em Jaraguá. Todos os números bateram recordes: lançamentos de 500 novos livros, 25 oficinas com temáticas das mais variadas, 85 atividades como mesas-redondas e palestras. O agendamento para visitas guiadas esgotou logo nos primeiros dias, e mais de 41 mil estudantes de escolas públicas e privadas povoaram os corredores da edição 2023 da Bienal alagoana do Livro.

Na lista da programação acadêmica, foram realizados eventos de programação consistente a grande alcance, como o Seminário de Educação, os 90 anos da Faculdade de Direito de Alagoas (FDA) e os 50 anos do curso de Serviço Social.

Livrarias e editoras celebraram o retorno da Bienal em chão alagoano. Juntas, contabilizaram mais de 250 mil livros vendidos, chegando à receita de mais de R\$ 6 milhões comercializados em apenas dez dias. Para esquentar o setor, 11.560 estudantes da rede municipal de ensino de Maceió tiveram in-

Ativista, ambientalista, escritor e líder indígena Ailton Krenak foi um dos convidados especiais da 10ª Bienal e lotou o Teatro Gustavo Leite



centivo de R\$20,00 para investir em livros. Três mil professores receberam R\$80,00, totalizando a circulação de quase meio milhão de reais.

"Todas as edições foram um sucesso, uma foi superando a outra em torno de números, de expectativas, de potencial de evento... Acho que valeu a pena acreditar em um sonho e persegui-lo desde 2005 quando fizemos uma Bienal com 50 mil pessoas. Estou muito feliz, muito feliz mesmo, com o resultado que a gente conseguiu", comemorou Sheila Maluf, que 12 anos depois voltou à curadoria da Bienal de Alagoas.

Ainda sob a influência da luta contra a covid-19,

o tema da Bienal de 2023 foi "Defender a vida, proteger o planeta e humanizar a sociedade". O patrono foi o cineasta Cacá Diegues (1940 – 2025) e o país homenageado, a Argentina. "Tivemos o privilégio de ter o Cacá Diegues como patrono. Aquele que fez *Xica da Silva*, *Deus É Brasileiro* e tantos outros filmes. Aquele que é Membro da Cinemateca Francesa de onde tem, inclusive, Ordem do Mérito Cultural, e é um estimulador da leitura, das artes visuais, do cinema e um alagoano que esbanja criatividade e sempre enaltece a sua terra", ressaltou o reitor Josealdo Tonholo.

De 11 a 20 de agosto, passaram por Maceió escritores e intelectuais renomados, como o filósofo e líder indígena Ailton Krenak, o escritor Itamar Vieira

Junior, autor dos romances *Torto Arado* e *Salvar o Fogo*, e o antropólogo Kabengele Munanga. Também participaram do evento a escritora Paula Pimenta, o cartunista Carlos Ruas e Carla Akotirene, reconhecida pesquisadora sobre o tema da interseccionalidade.

A ambientação da 10ª Bienal, assinada pela arquiteta Mirna Porto, teve destaque especial com vários espaços instagramáveis. Logo na entrada, o público se deparou com grandes painéis em reconhecimento a 24 grandes autoras e autores alagoanos que deixaram legados incontestáveis, como Linda Mascarenhas, Dirceu Lindoso, Sávio de Almeida e Heliônia Ceres, inclusive com audiodescrição, em uma parceria com a Agência Tatu.

Destaque para "Terra, a Grande Maloca", revestida com dois mil exemplares da *Revista Graciliano*, uma árvore de cordel, painéis e totens. Havia também um vídeo 360º da Imprensa Oficial e o próprio projeto arquitetônico moderno do local, com corredores amplos e ambientes interativos, que atraíram o público para fotos e ponto de encontro.

"Eu quis fazer um espaço amplo, para as pessoas circularem à vontade, mas que, ao mesmo tempo, tivesse elementos que fossem destaque", explicou Mirna Porto, também responsável pelo projeto arquitetônico e de ambientação da 11ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas.



Após período da pandemia, a 10ª Bienal de Alagoas teve recorde de público e de vendas em 2023



Antropólogo e professor Kabengele Munanga, em entrevista à Rádio Ufal durante a 10ª Bienal, falou sobre a necessidade de combater o racismo e defendeu a educação antirracista

Renner Boldrino



Escritor Itamar Vieira Junior, autor dos romances Torto Arado e Salvar o Fogo, durante bate-papo na 10ª Bienal, mediado pelo professor da Ufal, Gian Carlo

Renner Boldrino

OPINIÃO

A engrenagem essencial que faz a Bienal do Livro acontecer

Edson Bento*

A 11ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas abre suas portas novamente e, como sempre, a expectativa é imensa. Milhares de pessoas, entre estudantes, professores, escritores, livreiros e famílias, circularão pelos corredores do Centro Cultural e de Exposições Ruth Cardoso, em Maceió, vivenciando a literatura em sua forma mais ampla. Para muitos, a Bienal é, sobretudo, um grande festival de ideias, saberes e afetos — e de fato o é. Mas há também uma dimensão menos visível ao grande público, que se encanta com o evento, mas que, em verdade, se articula como uma engrenagem absolutamente essencial ao seu sucesso: a logística administrativa que torna possível que esse acontecimento grandioso,

gratuito e público se materialize com a qualidade e a magnitude pelas quais é reconhecido.

É importante lembrar, antes de tudo, que a Bienal é realizada com recursos públicos. Isso significa que, além do simbolismo cultural, do impacto social e educacional, há uma enorme responsabilidade na forma como cada centavo é aplicado. Organizar a Bienal não é apenas uma questão de garantir patrocínios, captar investimentos e anunciar atrações; é, sobretudo, administrar esses recursos com honestidade, transparência e rigor técnico, assegurando que cada despesa tenha finalidade legítima e que toda a cadeia administrativa seja clara e auditável.

É nesse ponto que a Fundação Universitária de Desenvolvimento de Extensão e Pesquisa (Fundepes) exerce um papel decisivo. Nossa missão, enquanto instituição de apoio, vai muito além do suporte formal à 11ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas. Estamos na linha de frente de uma atividade complexa e necessária, que envolve captação, gestão, execução e prestação de contas de todo o montante investido. Para que a Bienal seja sempre grandiosa, como a sociedade espera, é preciso que a administração dos recursos seja tão bem estruturada quanto o próprio conteúdo cultural que o evento oferece.

A primeira etapa dessa engrenagem é a captação dos recursos. A Bienal, por ser pública, depende do esforço conjunto de diversos atores institucionais: Governo de Alagoas, Universidade Federal de Alagoas (Ufal), secretarias de Estado, prefeituras, instituições parceiras e a própria sociedade civil.

A Fundepes atua como mediadora e garantidora desse processo, estabelecendo pontes, formalizando convênios e organizando os fluxos necessários para que os va-



Renner Boldrino

lores cheguem de forma correta e dentro das exigências legais. Captar recursos é, por si só, um desafio: é preciso convencer os parceiros da relevância social do evento, demonstrar sua abrangência cultural e, ao mesmo tempo, assegurar que todo investimento retornará em benefícios palpáveis para a sociedade.

Mas captar não basta. Uma vez que o recurso é garantido, inicia-se a etapa mais delicada: administrar e executar. É aqui que entram os processos de compra, pagamento e contratação. Desde os estandes até os serviços de montagem, desde o som e iluminação até a segurança e a limpeza, desde os cachês de escritores até o vale-livro entregue a estudantes, tudo precisa passar por fluxos administrativos rigorosos. São orçamentos analisados, propostas comparadas, contratos celebrados, pagamentos processados e notas fiscais validadas. Cada item segue um percurso meticuloso, que assegura lisura e conformidade legal.

Esse trabalho exige não apenas conhecimento técnico, mas também agilidade e precisão. A Bienal não pode esperar: os prazos são curtos, os compromissos têm data marcada e qualquer falha na engrenagem pode comprometer a experiência de milhares de visitantes. É nesse cenário que a Fundepes mobiliza equipes, sistemas e rotinas administrativas para garantir que tudo ocorra dentro da legalidade e da eficiência. Somos uma instituição de apoio, mas também uma instituição de confiança. O público não enxerga essa engrenagem, mas sente seus efeitos quando o evento funciona com excelência.

Outro aspecto fundamental é a prestação de contas. O dinheiro que financia a Bienal pertence ao povo. E é ao povo, por meio dos órgãos de controle, que devemos satisfação. A Fundepes, junto aos parceiros institucionais, presta contas de forma rigorosa, transparente e detalhada. Cada contrato, cada nota fiscal, cada despesa é registrada, classificada e apresentada para auditorias. Esse processo é tão importante quanto a própria realização do evento, porque garante a continuidade da Bienal, preserva sua credibilidade e assegura que novos recursos possam ser mobilizados em edições futuras.

A Bienal do Livro de Alagoas é, portanto, não apenas um espaço de celebração cultural, mas tam-

bém um exercício de gestão pública eficiente. Quando milhares de estudantes recebem seus vales-livro e podem adquirir títulos que talvez nunca teriam acesso, há, por trás disso, um longo processo administrativo. Quando um autor internacional sobe ao palco para uma palestra, há contratos assinados, passagens emitidas, hospedagens reservadas e pagamentos autorizados. Quando as portas se abrem para o público de forma gratuita, há toda uma rede de logística, compras, serviços e profissionais mobilizados para que isso seja possível sem custo direto para o visitante.

Esse caráter duplo — cultural e administrativo — é o que torna a Bienal um evento singular. Ela é símbolo de identidade, de memória e de futuro, mas também é prova de que o investimento público, quando bem gerido, pode transformar realidades. É esse equilíbrio que faz da Bienal um orgulho para Alagoas. De um lado, ela alimenta a imaginação, o pensamento crítico e o amor pela leitura. De outro, ensina que a cultura pode ser administrada com seriedade, responsabilidade e transparência.

Ao longo de suas edições, a Bienal Internacional do Livro de Alagoas se consolidou como a maior celebração literária do estado e uma das maiores do país. Mas nada disso seria possível sem a engrenagem da logística administrativa capitaneada por nossa Fundação Universitária de Desenvolvimento de Extensão e Pesquisa. Essa engrenagem é silenciosa, mas é vital. É ela que garante que os recursos cheguem, sejam aplicados corretamente e resultem em experiências memoráveis para a população.

Como presidente da Fundepes, reafirmo nosso compromisso de seguir cuidando dessa engrenagem com o mesmo rigor e a mesma dedicação que o evento exige. Porque a Bienal é pública, é feita com dinheiro público, e deve ser também pública em sua transparência e honestidade. Que cada visitante que passar pelos corredores da 11ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas saiba que, por trás dos livros, das palestras e dos espetáculos, há uma gestão comprometida em fazer tudo acontecer de forma ética e responsável. É essa soma — cultura e administração — que faz da Bienal um patrimônio coletivo e um marco na vida cultural de Alagoas.

** Presidente da Fundepes*


FUNDEPES

Fundação Universitária de Desenvolvimento
de Extensão e Pesquisa

Onde há **INOVAÇÃO**,
a Fundepes
está presente!



www.fundepes.br

Valorizamos a ciência e a cultura.
Transformamos **recursos** em
oportunidades.

Imagem: freepik.com



Para mais informações:
www.ufal.br